

CARTA DO
LÍBANO

ESPECIAL
UBERABA

O casal Laila
Cecílio Hueb
e Nassim
Miguel Hueb

NASSIM MIGUEL HUEB

**UM HOMEM
DISCRETO E
GENEROSO**

Patriarca de numeroso e
importante clã de Uberaba

**UBERABA
ONDE SE É SEMPRE
BEM-VINDO**

**A verdadeira
mina de ouro
em Uberaba**

Campos do Jordão - SP

à 200 km de SP



HOTEL NACIONAL INN

reservas@nacionalinncampos.com.br

RESERVAS: (12) 3663.3887 - 3663.3577

Rua Joaquim Pinto Seabra, 208
Vila Everest - Campos do Jordão/SP

FAÇA SUA RESERVA DIRETO COM O HOTEL E GARANTA PREÇOS ESPECIAIS

Poços de Caldas - MG

à 250 Km de SP

HOTEL + PISCINAS + PARQUE
AQUECIDAS + WALTER WORD



comercial@thww.com.br
+55 (35) 2101-8080

Av. Vereador Edmundo Cardillo, 3131
Jardim Del Rey



www.nacionalinn.com.br



UMA PUBLICAÇÃO
DA EDITORA NAIME

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL

FOUAD NAIME
MTB 79126/SP

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE
DUSHKA E MAYU TANAKA - ESTUDIO29.COM

EDIÇÃO
MARIO MENDES
LANA DE PAULA

FOTOS
REUTERS

TRATAMENTO DE IMAGENS
ADIEL NUNES

ASSINATURA ANUAL R\$ 400,00

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

OBSERVAÇÃO AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO
DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

E-MAIL CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR

FONE 11 3214.3977

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
RUA DA CONSOLAÇÃO, 323 - CJ. 908
SÃO PAULO/SP - CEP: 01301-000



NOSSA CAPA
LAILA CECÍLIO HUEB E NASSIM MIGUEL HUEB

FOTO
ÁLBUM DE FAMÍLIA

EDITORIAL

O LEGADO ÉPICO DA IMIGRAÇÃO

Há mais de um século, um grupo de pessoas dispostas a encontrar uma nova pátria e uma nova vida, atravessou o oceano e veio deitar raízes no Triângulo Mineiro. Em Uberaba realizaram seus sonhos, renovaram as esperanças e construíram o progresso.

Libaneses - e também sírios e armênios - começaram a se estabelecer na cidade mineira, desde o início da imigração para o Brasil. Mas o fluxo migratório se intensificou mesmo a partir de 1889, com a chegada da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro facilitando o transporte entre São Paulo e Rio de Janeiro com a região. Três anos depois, quando a imigração libanesa foi reconhecida pelo governo, o estado de Minas Gerais foi dividido em cinco distritos para receber os imigrantes. Uberaba tornou-se o 5º Distrito e a sociedade do município recebia bem os recém-chegados, pois sabia que eles significavam diversificação e dinamismo para a economia da cidade e região.

Por volta de 1930, cerca de 100 famílias de origem síria e libanesa estavam estabelecidas em Uberaba, eram prósperas e tinham entre seus membros grandes comerciantes, empresários e políticos.

Ao concluir a missão de resgatar a memória de algumas famílias de reconhecida importância na cidade, gostaria de agradecer a Marta Zednik de Casanova, historiadora, pesquisadora e superintendente do Arquivo Público de Uberaba, pelas informações e estudos que colocou à minha disposição facilitando minhas pesquisas. Meus agradecimentos também à jornalista e cerimonialista Vaniana Cecilio Helou, pela indicação profissional; aos colunistas sociais Virginia Abdalla e Jorge Alberto Nabut, pelas boas-vindas; e ao empresário Luiz Carlos Frange Montes pelo apoio e incentivo a este trabalho.

Boa leitura!



FOUAD NAIME
EDITOR

FOTO: MARTA SANTOS

@cartadolibano

@cartadolibano

SUMÁRIO

ANO 23 • NÚMERO 168 • 02.2019

CARTA DO
LIBANO

ESPECIAL UBERABA

06 | Floresta de cedros no Triângulo

Por Ângelo Oswaldo de Araújo Santos

08 | A cidade que acolheu uma nação

O prefeito de Uberaba, Paulo Piau, recebeu em seu gabinete o jornalista Fouad Naime, editor de *Carta do Libano*, para falar da importância da imigração libanesa na cidade mineira

10 | Onde se é sempre bem-vindo

Com localização privilegiada e vocação para o progresso, a cidade do Triângulo Mineiro segue fiel às tradições e conectada com o futuro mais do que presente

14 | Um homem discreto e generoso

Patriarca de numeroso e importante clã de Uberaba, Nassim Miguel Hueb era de poucas palavras, porém de profunda sabedoria e conhecimento dos negócios. mas, sobretudo, possuía uma enorme preocupação social e um amor ainda maior pela cidade que o acolheu

22 | O guardião da memória

Um verdadeiro mar de histórias é o que Demilton Facuri Dib apresenta ao explorar suas raízes libanesas e mineiras

28 | Uma vida escrita em caligrafia perfeita

Conhecida pelas belas letras que deixou gravadas em inúmeros documentos, e também por seu espírito humanitário, “dona Yvonne do cartório” foi personagem dos mais queridos

32 | Três destinos

Asnif a avó, Hilda a filha e Miriam a neta. Em suas lembranças e reminiscências encontra-se uma tocante saga familiar iniciada no conflito que vitimou o povo armênio, no início do século passado

38 | Mineiramente discretas e impecáveis

As irmãs Denise e Beatriz são as grandes anfitriãs de Uberaba. À frente do conjunto hoteleiro da família, o tradicional Tamareiras

42 | Inteligente e direta ao ponto

Especializada em Direito de Família, Mônica Cecilio Rodrigues revela-se craque em argumentação e retórica dentro e fora dos tribunais

44 | Baú de memórias

A partir do relato de um membro desse clã poderoso e atuante, o médico Cristiano Miziara, pode-se traçar a história dos Frange - originários de Zgharta - e dos Miziara - que adotaram o nome da cidade localizada ao norte do Líbano

50 | Uma jornada entre dois mundos

Adolescente rebelde, professor dedicado, homem de letras, viajante romântico, comerciante acidental. A vida - e as aventuras - do patriarca Calixto Cecilio parece saída das Mil e Uma Noites

56 | A verdadeira mina de ouro em Uberaba

A Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ) é a verdadeira mina de ouro em Uberaba



Nossa missão é resgatar nossa história, promover nossa cultura e valorizar nossa gente. Contribua com este trabalho assinando ou presenteando com uma assinatura anual da revista *Carta do Libano*. Agradecemos sua colaboração

NOME

E-MAIL TEL.

ENDEREÇO

CEP CIDADE ESTADO



Para tornar-se assinante, preencha a ficha acima e envie para a nossa sede Rua da Consolação, 323, conj. 908 - Cep: 01301-000 – São Paulo/SP ou para o nosso endereço eletrônico contato@cartadolibano.com.br

ASSINATURA ANUAL NO BRASIL R\$ 400 | ASSINATURA ANUAL NO EXTERIOR US\$500
DADOS PARA DEPÓSITO BANCO BRADESCO • AGÊNCIA 95 • CONTA CORRENTE 21114-1

FLORESTA DE CEDROS NO TRIÂNGULO

Ângelo Oswaldo de Araújo Santos
Ex-secretário de Estado de Cultura de Minas Gerais

“**N**o julgado do Desemboque, em pleno chapadão do Azagaia, às vésperas da independência nacional, começou a florescer um dos mais prósperos territórios do Brasil, na extensão das Minas e dos Gerais rumo ao Oeste. Nessa fantástica mesopotâmia, assinalada pelo triângulo que os Inconfidentes de 1789 escolheram como símbolo da terra mineira, rapidamente multiplicaram-se atividades sociais e econômicas geradoras de resultados exemplares, no contexto do Estado e do País.

Irradiou-se, desse modo, a legenda desenvolvimentista do Triângulo Mineiro. Sua população cresceu contando sempre com fluxos procedentes das mais distantes paragens, e foi assim que uma expressiva colônia libanesa deitou raízes generosas nos campos que se alargam entre o rio Grande e o rio Paranaíba. O cedro frondoso ali se aclimatou.

Finanças, fianças e faianças confinadas no

chapadão, como sugere um verso de Jorge Alberto Nabut, ou fé, festa e fascínio figuradas numa gente disposta a conquistar o futuro? O que o poeta questiona o jornalista esclarece, cada qual no apogeu do ofício. É que o próprio Nabut revela, sendo um comunicador dinâmico, as qualidades referenciais do Triângulo, ao narrar e registrar o cotidiano de Uberaba e os avanços da região.

Descendentes de libaneses são representantes perfeitos da pujança do Triângulo e do progresso de uma sociedade comprometida com as transformações positivas da cidade e do campo. Sensível a essas manifestações Brasil afora, o editor da revista *Carta do Líbano*, Fouad Naime, focaliza as personalidades e as famílias que sustentam a energia vital da região. Graças ao seu empenho, podemos todos reconhecer, com sentimentos de gratidão e fraternidade, a contribuição inextinguível que libaneses e seus familiares, integrados tão profundamente, oferecem ao Triângulo Mineiro. *Carta do Líbano* traz notícias alvissareiras de uma gente muito nossa, gente querida das Minas Gerais. ■

O consultor Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, ex-secretário de Estado de Cultura de Minas Gerais



FOTO: DIVULGAÇÃO



A administração municipal conta com nomes importantes, de origem árabe: Fernando Hueb, Nagib Facury, Marco Túlio Cury, Silvana Elias, prefeito Paulo Piau, Ângela Dib, Marcos Jamal e Luiz Carlos Saad.

A CIDADE QUE ACOLHEU UMA NAÇÃO



O prefeito Paulo Piau com Fouad Naime

O prefeito de Uberaba, Paulo Piau, recebeu em seu gabinete o jornalista Fouad Naime, editor de *Carta do Líbano*, para falar da importância da imigração libanesa na cidade mineira. De próprio punho, ele faz um relato dessa contribuição fundamental na história do município

A presença árabe na Península Ibérica, por aproximadamente oito séculos, influenciou a cultura brasileira desde a colonização. Inúmeros costumes, vocábulos, comidas e manifestações culturais foram assimilados pelos colonizadores portugueses e introduzidas no país.

Em 1880, partiu do porto de Beirute, capital do Líbano, o primeiro navio conduzindo imigrantes libaneses em direção ao Brasil. Era o início oficial da imigração que trouxe cidadãos sírios e libaneses para se fixarem aqui, dedicando-se sobretudo às atividades comerciais, estabelecendo a imagem característica do hábil negociante.

Essa história, iniciada há 139 anos, resultou na grande colônia sírio-libanesa que hoje conhecemos, sendo a imigração árabe um dos elementos mais vibrantes no rico panorama socioeconômico e cultural brasileiro.

Desde os primórdios da sua história, a cidade de Uberaba recebeu imigrantes europeus que se integraram à comunidade ocupando cargos de expressão na administração municipal. Os imigrantes libaneses e, em menor número, os sírios e armênios, chegaram à cidade na segunda metade do século 19 com poucos recursos e, inicialmente, ganhavam a vida como mascates.

FOTOS: PMU

Com a chegada da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro à região, em 1889, o movimento migratório se intensificou devido ao sistema de transporte mais eficiente e também por conta das notícias de que se tratava de uma boa terra de grandes oportunidades. Segundo os registros municipais, até 1930 mais de 100 famílias de imigrantes árabes adotaram Uberaba como sua segunda pátria, cravando no município sobrenomes que até os dias atuais se destacam no empreendedorismo, com relevância social e contribuição política.

Ao se estabelecerem em Uberaba esses imigrantes se dedicaram ao comércio varejista, instalando diversos estabelecimentos nas avenidas Fernando Costa, São Benedito, Tristão de Castro e Artur Machado, importantes vias comerciais. Posteriormente, vieram as lojas de comércio atacadista e, mais tarde, as indústrias.

Um marco na trajetória dos árabes em Uberaba ocorreu em 11 de outubro de 1925, quando os imigrantes libaneses Calixto Cecílio, Chucre Pális, Jacó Pális, Latif Pális, Manoel Elias e Miguel Calixto Hueb fundaram a União Beneficente Síria, que viabilizou a inauguração do Clube Sírio. Este, em 1988, tornou-se o Clube Sírio Libanês, verdadeiro ponto de encontro da sociedade local graças às suas inúmeras festividades.

Hoje os imigrantes e seus descendentes, já entrelaçados na cultura uberabense, constituem força atuante em todos os setores da comunidade. Sua influência está presente na cultura, na gastronomia, na política, na indústria e no comércio da cidade que os recebeu de braços abertos. Para mim, como Prefeito Municipal de Uberaba, é uma honra contar com tantas famílias árabes que ajudam a fazer da nossa terra uma das melhores cidades do Brasil.

Hoje, na administração do município, vários sobrenomes comprovam o legado da imigração árabe na região:

Fernando Hueb, (Chefe de Gabinete do Prefeito), Nagib Facury (Secretário de Planejamento e Gestão Urbana), Marco Túlio Cury (Secretário de Desenvolvimento Social), Silvana Elias (Secretária da Educação e Cultura), Ângela Dib (Secretária Especial de Projetos e Parcerias), Marcos Jammal (Presidente da Companhia de Habitação do Vale do Rio do Grande – COHAGRA) e Luiz Carlos Saad (Secretário de Desenvolvimento do Agronegócio). ■



ONDE SE É SEMPRE BEM-VINDO

Com localização privilegiada e vocação para o progresso, a cidade do Triângulo Mineiro segue fiel às tradições e conectada com o futuro mais do que presente



Ao lado, vista geral da praça Rui Barbosa e a igreja Santa Rita, em Uberaba (MG)

Cecílios, Huebs, Sarkis, Abdallas, Franges, Barsans, Fakourys, Dibs, Nabuts, Nassers e Nassifs, entre tantos outros imigrantes libaneses aportaram em Uberaba a partir de 1889. Chegaram junto com estrada de ferro Mogiana, que significou um período de transformação da cidade. Vieram sem recursos, ante a dominação de seu país pela Turquia, fugindo de conflitos políticos muito graves e sérios. Traziam a esperança de melhores condições de vida; miravam o progresso, e acabaram sendo peças fundamentais para a promoção coletiva daquilo que buscavam. A próspera e atrativa cidade atual deve muito a esses cidadãos que impulsionaram a economia da região, inicialmente como mascates, depois nos segmentos varejista, atacadista e industrial.

Das cidades brasileiras com mais de cem mil habitantes Uberaba está entre as 50 melhores para se empreender e negociar, conforme apontou estudo da consultoria Urban System, no final de 2018.

“Uberaba faz! Estamos desburocratizando,

rompendo barreiras e fazendo com que Uberaba brilhe no cenário nacional”, nas palavras do prefeito Paulo Piau.

Assim como na época da imigração, a cidade continua de portas abertas para o mundo, expandindo suas fronteiras em nível internacional e trabalhando para consolidar relações estratégicas com empresas de segmentos variados mundo afora, atraindo a atenção de potências China e Rússia. “O que a China quer, em primeiro lugar, é comida. E o agronegócio move Uberaba, portanto esta é a chave”, afirma o prefeito.

Além do ramo alimentício, novas fábricas e indústrias estão nas perspectivas de negócios com empresas chinesas, o que poderá garantir produção com alta tecnologia. Conversas intermediadas pelo Ministério do Desenvolvimento Econômico russo estão em andamento nos segmentos de fertilizantes, petróleo e gás, além de aeroportos.

A cidade possui Porto Seco e Terminal da VLI, importantes itens de logística para atrair grandes empreendimentos de vários setores.

É importante frisar que Uberaba passou por marcos econômicos importantes, sobretudo a



No sentido horário:
Parque dos Dinossauros
em Peirópolis,
Parque Tecnológico,
Museu Peirópolis e
Museu Chico Xavier



introdução do gado zebu na pecuária nacional que transformou o Brasil em grande produtor de proteína animal para o planeta. A cidade tornou-se famosa por sediar a maior feira da raça no mundo, atração internacional que reúne anualmente investidores, empresários e turistas. Na área da indústria, a cidade tem o lugar de maior produtora de fertilizantes fosfatados da América Latina. Dados oficiais consolidam posição da cidade como capital brasileira do agronegócio, produzindo café, soja, milho, abacate, batata, cana-de-açúcar, pinus, eucalipto além, é claro, de carne e leite. Sem falar que a localização geográfica de Uberaba é extremamente privilegiada, pois está igualmente a cerca de 500 quilômetros de distância de Brasília, Belo Horizonte e São Paulo.

A perspectiva para 2019 é de um crescimento de 4,5% de produtividade acima do previsto para País, segundo prospecção da Secretaria Municipal de Agricultura.

A cidade - que hoje conta com 330.361 habitantes - também aparece em sexto lugar na pesquisa Top 20 de cidades em eficiência na geração de Startups no País. Entre os destaques está a criação da ZebuValley,

comunidade de alta tecnologia cujo nome faz referência a vocação e pioneirismo da região no agronegócio internacional.

Enquanto isso, o potencial turístico é estimulado pelo projeto Geopark - Terra de Gigantes. Trata-se de iniciativa para valorizar áreas turísticas de relevância geológica dentro de um programa global da Unesco. O sítio ABCZ e os geossítios Memorial Chico Xavier e Peirópolis, já inaugurados, fazem parte da ação. Existem 127 Geoparques Mundiais em 35 países.

Finalmente, é preciso dizer que Uberaba tem na fé um importante dado de atração de visitantes de várias partes do Brasil e do mundo. Além das inúmeras igrejas católicas - valioso patrimônio artístico e cultural - é a cidade onde nasceu e viveu o médium Chico Xavier, maior ícone da religião Espírita no século passado, cuja memória é preservada e reverenciada em locais que são pontos de peregrinação para uma grande legião de fiéis.

Histórica, atual, próspera, reverenciada e hospitaleira, Uberaba está sempre pronta para ser visitada - ou descoberta - durante todas as estações do ano. ■

“ Assim como na época da imigração, a cidade continua de portas abertas para o mundo, expandido suas fronteiras em nível internacional e trabalhando para consolidar relações estratégicas com empresas de segmentos variados mundo afora ”

NASSIM MIGUEL HUEB

UM HOMEM DISCRETO E GENEROSO

Patriarca de numeroso e importante clã de Uberaba, Nassim Miguel Hueb era de poucas palavras, porém de profunda sabedoria e conhecimento dos negócios. Mas, sobretudo, possuía uma enorme preocupação social e um amor ainda maior pela cidade que o acolheu - há quase 100 anos - e onde através de seus descendentes se perpetua até hoje

FOTOS: ALBUM DE FAMÍLIA



O casamento de Nassim Hueb e Laila Cecílio, no ano de 1926, em Uberaba (MG)



distrito de Akkar, norte do país, ele se aventurou em terras brasileiras pela primeira vez em 1895. Gostou do que viu, voltou à terra natal, casou, constituiu família e oito anos depois decidiu dar uma outra chance ao novo mundo. Já sabendo que a empreitada não seria fácil, veio apenas com o primo Calixto Miguel Hueb, e foram direto para a cidade mineira. Apesar das dificuldades com uma língua que não dominava, João saiu mascateando

pelas fazendas das redondezas. Ao juntar um certo capital, estabeleceu-se como comerciante em uma loja na rua Marquês do Paraná. Agora sim podia mandar vir a família do Líbano.

A mulher de João, Cristina Nabut Hueb, desembarcou no Rio em 1 de abril de 1921, acompanhada do filho Nassim Miguel Hueb, de 14 anos. O rapazola imediatamente começou a trabalhar no comércio com o pai, que agora possuía um armazém de secos e molhados, na rua Tristão de Castro. Em 21 de fevereiro de 1922 nasceu o único irmão, Neif M. Hueb que aos quatro anos foi acometido de uma paralisia que perdurou até sua morte em 1991. Como se usava na



época, Nassim teve um casamento combinado entre famílias, quando atingiu 19 anos. Porém, o destino interferiu e as coisas tomaram outro rumo.

A noiva escolhida vivia na cidade de Santa Juliana e para lá foram pai e filho, a fim de conhecer a moça. No caminho, em Iraí de Minas, pararam na casa de um amigo de João, Calixto Cecílio e de sua esposa, Rafa Skaff Cecílio. O jovem Nassim, vendo a filha do anfitrião, Laila, avisou ao pai que não iria mais ao encontro da noiva arranjada e desconhecida, pois havia decidido com quem iria realmente se casar.

“Quando eles estavam indo embora, meu pai viu um vestido da minha mãe no varal, pegou e levou



A mulher de João, Cristina Nabut Hueb, desembarcou no Rio em 1 de abril de 1921, acompanhada do filho Nassim Miguel Hueb, de 14 anos

Ainda hoje se comenta em Uberaba sobre aquele senhor muito reservado, de pouca conversa, que entrava na fila do banco e, mesmo saudado pelo gerente e convidado para um atendimento preferencial, preferia permanecer junto aos outros clientes, aguardando a sua vez. Assim era Nassim Miguel Hueb, bem-sucedido homem de negócios da cidade, que fez fortuna no comércio. Ele faleceu em 1995 deixando inúmeros descendentes através dos nove filhos de seu casamento com Laila Cecílio, uma feliz união que durou 70 anos - dona Laila morreu exatamente 65 dias depois do marido.

Para se ter ideia da importância da presença de Nassim em Uberaba é necessário voltar na história. Mais precisamente ao Líbano, no final do século 19. Quem deu início à trajetória da família até Minas Gerais foi João Miguel Hueb, pai de Nassim. Nascido em Cheikh Taba, no



No alto, Nassim e Laila em suas Bodas de Prata, cercados pelos nove filhos e os dois netos, filhos de Aziza e Salim. Acima, Marua Hueb Tapxure e os filhos. Na página ao lado de cima para baixo: João Hueb, filhos, netos e a irmã Aziza; Nassim e Laila com os filhos, em 1975; Fádva Hueb com filhas

com ele para fazer todo o enxoval dela na medida certa”, conta hoje, embevecida, Cristina Hueb, uma das filhas do casal. Ela aproveita para lembrar uma passagem divertida do casamento dos pais: “No dia em que o casamento estava marcado, choveu muito e como a estrada que ligava Iraí até Uberaba era de terra, o carro onde vinha minha mãe com a família atolou. Eles só conseguiram chegar no dia seguinte. Enquanto esperavam a noiva, que não chegava nunca, começaram os comentários de que ela havia desistido e não viria mais. Aí, umas moças, as mais avançadinhas, diziam para o meu pai que as roupas do enxoval serviam direitinho nelas e se ele não queria trocar de noiva. Mamãe e papai riam muito dessa história”. A noiva enfim chegou, o casamento se realizou e o casal Hueb viveu feliz até o fim.

Trabalhando ao lado do pai - Nassim Hueb se tornou bem-sucedido assumindo a direção dos negócios da família em 1945 - João Miguel Hueb veio a falecer em 29 de maio de 1951 e Cristina em 20 de julho do mesmo ano. Enquanto isso, a família crescia. Nasceram: Aziza, Aziz, Fuad, Fauze, Márua, Fádua, Cristina, Neila e João.

“Morávamos todos na mesma casa com nossos avós”, lembra-se, Cristina citando a ampla residência - com seis quartos - da rua Tristão de Castro, 105. “Eles eram muito carinhosos com todos nós, mas tínhamos que obedecer a valores rígidos. Aprendemos que ‘você é aquilo que faz, que vive, e sempre colhe o que planta’. Não havia mentiras e a verdade, por mais dolorosa que fosse, sempre devia ser dita”, conta.

Os filhos Fuad e Fauze começaram a trabalhar com Nassim em 1948. A empresa que anteriormente era João Miguel Hueb, em 1957 tornou-se Nassim Miguel Hueb & Filhos. O patriarca dirigia os negócios com pulso firme, era metódico e não gostava de arriscar. Criou com os filhos Fuad e Fauze as empresas Pan Mac (de eletrodomésticos e móveis) e Armarinhos Fiel (atacadista e varejo).

Nunca quis comprar uma propriedade rural, preferindo investir na área urbana, adquirindo terrenos. Apesar desse perfil conservador, ele apoiou e incentivou totalmente os filhos na aquisição de fazendas, empresas de ônibus e emissoras de rádio, hospitais, construtoras,



Cecilinho e Cristina Hueb com filhos, genros, netos e bisnetos, em 2018. Abaixo, os pais de Nassim Hueb, Cristina Nabut e João Miguel



joalherias e diversos outros ramos do comércio.

“A grande paixão de meu pai sempre foi Uberaba”, diz Cristina. “ele fez o que pôde pela cidade, sobretudo em relação à educação, doando vários terrenos para a construção de escolas”, faz questão de frisar. Também se envolveu em projetos visando a conservação do meio ambiente, como o do reflorestamento da região. “Tudo que ele pudesse ajudar para o bem da cidade, ele ajudava: eram hospitais, creches, asilos... Papai era um apaixonado por Uberaba”. Era à sua maneira de retribuir ao lugar que o havia acolhido tão bem, quando chegou ao Brasil, jovem e cheio de esperanças por uma vida nova e próspera.

Cristina conta que na educação dos nove filhos, Nassim e Laila fizeram questão que tantos os homens quanto as mulheres tivessem acesso ao mesmo nível de instrução e estudos. “Papai não fazia distinção, o importante para ele é que todos os filhos estudassem e se formassem. Ele cuidou muito para que tivéssemos a melhor formação



ajudou. Ele tinha um armazém e queria começar a comercializar açúcar, mas na época isso só era permitido a quem tivesse cotas nas usinas. Então, meu pai doou algumas das cotas dele, para esse senhor, que pode desenvolver seu negócio e chegou a enriquecer”, revela Cristina. “Isso só ficamos sabendo agora, muito tempo depois de meu pai morrer”. Nassim foi um dos fundadores do Clube Sírio Libanês da cidade, sócio dos demais clubes recreativos e do Lions Club Uberaba.



Mesmo saudoso de sua terra natal e com possibilidades para visitar o Líbano, Nassim não quis fazer a viagem. Quando o casal Laila e Nassim completou 50 anos de casado, os filhos se reuniram e o presente foram as passagens para o Líbano: “Ele recusou e justificou dizendo que todos de quem sentia falta e gostaria de rever não estavam mais lá, então preferia ficar aqui com os filhos e netos”, lembra Cristina. Ela conta que o amor de Nassim pelo seu país era profundo, a ponto de ensinar o Hino Nacional para os filhos e fazer questão que todos aprendessem o idioma árabe. “Em casa também ouvia-se muita música árabe”.

cultural, ética, moral e religiosa”, reforça. “Meu irmão Aziz se formou em Medicina no Rio de Janeiro, e voltou para trabalhar aqui. Enquanto meu irmão João se formou em Engenharia. Meus outros irmãos Fuad e Fauze também estudaram, mas permaneceram trabalhando com o papai”, conta. “Nós, as mulheres, estudamos, mas não trabalhamos antes de casar”, diz Cristina. Segundo ela, seu pai explicou a cada uma das filhas que escolhessem bem com quem iriam se casar, porque deveriam estar ao lado de seus maridos, trabalhando para ajudá-los.

A preocupação de Nassim com os problemas sociais, era outro traço de sua personalidade também desenvolvido com total discrição. Talvez movido pelo difícil início de vida dele e de seu pai no Brasil, nunca se furtava a ajudar quem estivesse em dificuldades ou necessitando de uma força nos negócios. “Um senhor aqui de Uberaba, nos contou, muito emocionado, que se hoje é um homem de posses é porque meu pai o



No alto, Nassim e Laila Hueb com a família. Acima, Neila Hueb e família. Na página ao lado de cima para baixo: Aziz e Dalal Hueb com os filhos e a neta, e a Dra. Georgiana Hueb Campos Rocha; Fauze e Maria Angélica Hueb com os filhos; Fuad e Lourdinha Hueb com a família

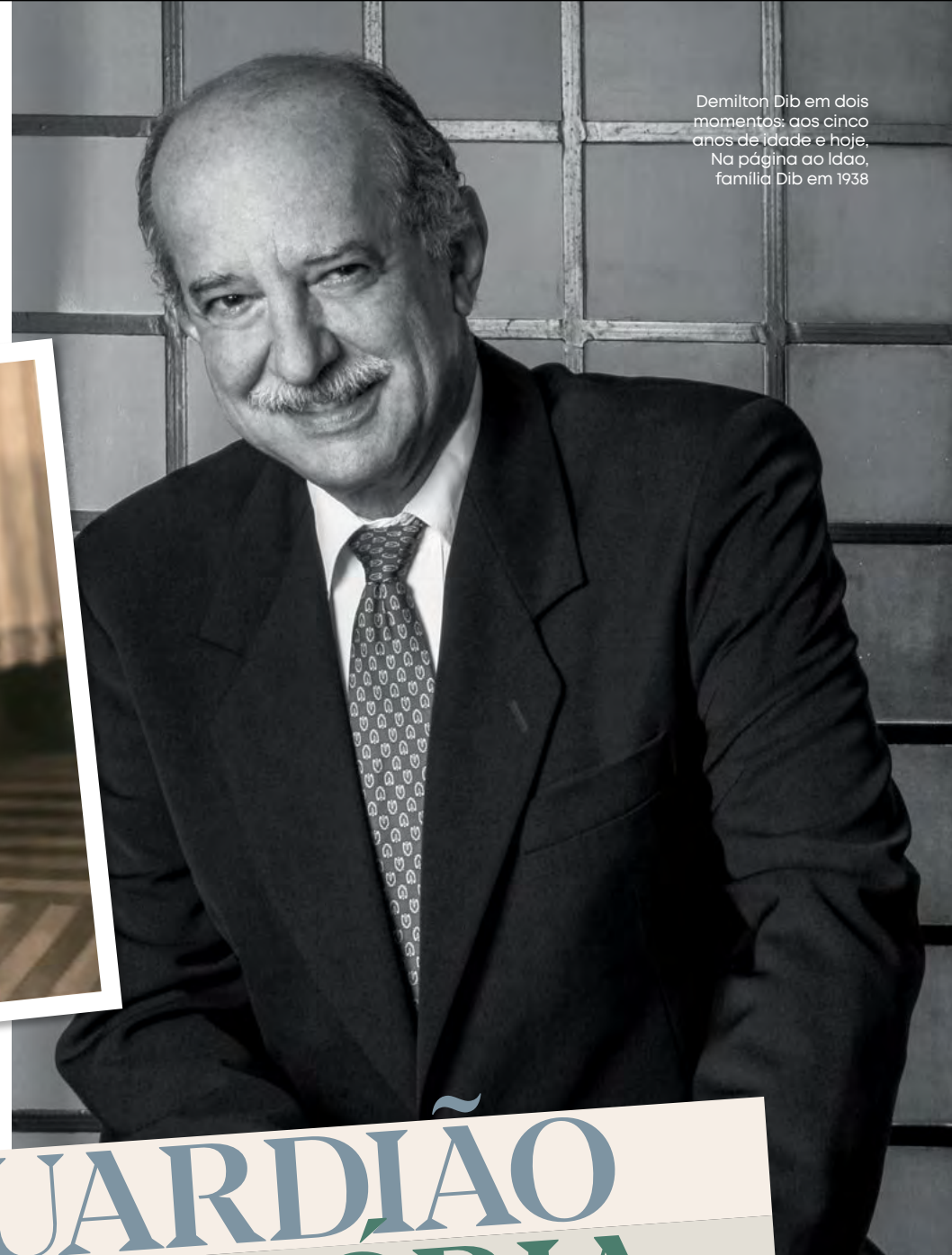


Cristina emociona-se ao lembrar do pai como alguém muito querido em Uberaba, de muitos e sinceros amigos, em todas as classes sociais. “Papai era um homem de pouco estudo, pois teve que trabalhar muito cedo, mas era inteligente. Ele lia bastante, mas, sobretudo, sabia ouvir os outros e isso fez toda a diferença”, conclui.

Dos nove filhos do casal Laila Cecílio e Nassim Miguel Hueb, permanecem vivos apenas cinco (Fuad, Fadua, Cristina, Neila e João), porém o clã Hueb hoje é numeroso em Uberaba, contando com mais de cem pessoas. Sua importância e impacto na cidade é atestada pelas ruas, viadutos e outros logradouros que levam seu nome. ■

A preocupação de Nassim com os problemas sociais era outro traço de sua personalidade, também desenvolvido com total discrição

Demilton Dib em dois momentos: aos cinco anos de idade e hoje. Na página ao lado, família Dib em 1938



O GUARDIÃO DA MEMÓRIA

Um verdadeiro mar de histórias é o que Demilton Facuri Dib apresenta ao explorar suas raízes libanesas e mineiras. Arquiteto, engenheiro, fotógrafo e expert em antiguidades, ele agora vai compartilhar o conhecimento do passado e do presente com as gerações futuras



Encontrar Demilton Facuri Dib é estar diante de um dos profissionais mais prestigiosos e concorridos de Uberaba e região. Engenheiro e arquiteto - na ativa há quase 50 anos - tem sua assinatura em inúmeros projetos, entre obras públicas, estabelecimentos comerciais e residências. Demilton também pertence a dois grandes clãs de origem libanesa: os Dib, uberabenses, no lado paterno, e Facuri, no lado materno, estabelecidos na cidade de Santa Juliana. É incrível a quantidade de tios, tias e primos citados por ele enquanto percorre as origens e os desdobramentos das famílias.

O princípio de tudo vem com dois casais, seus avós: Jorge e Nur Dib, paternos; José e Amélia Facuri, maternos. A narrativa meticulosa é desenrolada com o mesmo rigor do homem cuja fama de garimpeiro e expert em antiguidades o precede e é materializada em uma coleção preciosa de grande valor. “Conta-se que meu avô Jorge Dib, a quem não conheci, era um homem muito bonito e extremamente comunicativo”, inicia. “Não se

sabe exatamente quando ele chegou ao Brasil, e a Uberaba, apenas que foi no final do século 19”. O avô Jorge então já era casado com Nur, que permaneceu no Líbano aguardando o chamado do marido. “Sabemos que minha avó Nur chegou ao Brasil em 1909. Antes ela foi até Marselha, na França, para embarcar no navio que a trouxe até o porto de Santos”, conta. Ela não veio só, estava acompanhada por uma filha que, também segundo relatos de familiares, faleceu pouco tempo depois. O reencontro do casal não foi imediato e Nur teria passado algum tempo na Casa do Imigrante, em São Paulo, chegando a trabalhar como catadora de papel. “Outro dado que não se sabe ao certo”, prossegue Demilton, “é como os dois conseguiram se comunicar e minha avó tomou um trem que a levou até Campinas, em seguida até Ribeirão Preto e, finalmente Uberaba, que era fim de linha”. Segundo o relato de uma tia, ao ver o marido de longe, na plataforma da estação, envergando um terno branco, Nur pensou: “Ele está muito bonito, deve estar rico”. Não estava: “Quem teve de pagar pela charrete até a pensão foi minha avó”, diverte-se o neto.

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA



Logo se revelaria o talento de Jorge para os negócios através de um imenso carisma, que ele exercitou com vigor ao sair mascateando, a pé, pelas fazendas nos arredores da cidade. Um dos obstáculos a serem vencidos era a resistência e a discriminação dos moradores com forasteiros: “Diziam ‘não deixe o turco entrar porque o turco é ladrão’”. O mascate, porém, passou a distribuir balas entre as crianças quando passava pelas porteiras das fazendas. Logo, quando elas o viam chegando, corriam para receber os doces. “Além de conquistar as crianças, ele chamou a atenção das mães, que começaram a lhe fazer encomendas”. Finalmente os fazendeiros passaram a depositar confiança no homem, que teve acesso livre às residências e conquistou ampla freguesia.

Foram quatro os filhos de Jorge e Nur: Miguel - pai de Demilton - Latife, Jamil e Emílio. O arquiteto acredita que o carisma do velho Jorge foi herdado por seu pai, igualmente bem-sucedido no comércio.

“Meu pai fundou a loja São Geraldo, que funcionou durante quase 60 anos”, conta. “Ele não era exatamente um vendedor, era um administrador que sabia atender os clientes, apresentando

novidades, indicando produtos e fazendo promoções”, lembra.

Filhos de imigrantes libaneses, os avós maternos, José e Amélia Facuri viviam em Santa Juliana, município a 90 quilômetros de Uberaba, onde possuíam um comércio de tecidos. Não há referências sobre a família que veio do Líbano. Demilton conta que um de seus irmãos, Carlos, quando esteve no país, foi até a cidade de Zwareeb, porém não descobriu nada já que eles haviam saído de lá entre o final do século 19 e começo do século 20.

Dos avós Zezé e Amélia, o arquiteto guarda a imagem de um casal muito carinhoso com quem eles e os irmãos passavam as férias, em Santa Juliana. “Saíamos daqui no trem das oito da manhã, chegávamos ao meio-dia e era uma viagem muito gostosa”. O casal teve sete filhos: Clídia, Zaida - mãe de Demilton - Merched, Nagib, Gabriel, Mario e Said. “Uma recordação muito viva que eu tenho do vovô Zezé é ele, já velho depois da morte da minha avó, olhando para um retrato dela que ficava em cima do piano, conversando com ela e até cantando”, conta emocionado. Na casa também havia Cassiana,



Na página ao lado, família Facuri em 1947. Nesta página, vista geral da loja São Geraldo. Abaixo, caminhões com mercadorias atravessam a ponte do Rio Grande e as mercadorias da loja São Geraldo, em 1940



filha de negros escravizados, criada pelo casal e administradora do lar dos Facuri. “Ela morreu no dia da minha formatura do colégio e por pouco minha mãe não chegou a tempo da cerimônia, porque antes foi ao velório de Cassiana”.

Demilton Facuri Dib é o caçula dos sete filhos de Miguel e Zaida, casados em 1929. Os outros são: Jorge, Wilma, Gladys, José, Carlos Antônio e Gilberto. Três já são falecidos. “Fomos criados com mesa farta, mas sem excessos”, conta. Ele também faz questão de ressaltar a profunda religiosidade em família: “Orávamos antes das refeições, o que fazemos até hoje quando nos reunimos, porque a religião te dá lastro, resistência”, afirma. Miguel resumia tudo em uma única frase: “É o que tem, graças a Deus tem”. O centro gravitacional da família era a loja São Geraldo, um grande sucesso no ramo de tecidos, atraindo clientes de todas as cidades da região: “Papai chegou a ter mais de 30 funcionários e a loja era como uma grande família”. Demilton até hoje se admira do poder de fogo do comércio familiar, uma vez que seu pai era avesso à publicidade: “Ele nunca anunciou em jornais, revistas, no rádio ou fez qualquer tipo de propaganda. A loja era realmente



Demilton Dib com o famoso arquiteto e decorador Jorge Elias. Na página ao lado, trabalhos de Demilton Dib que ganharam destaque no livro Anual Design – Restaurante Vila do seu Vigário; Demilton com o famoso arquiteto José Duarte Aguiar

popular”. Recentemente Demilton teve prova dessa popularidade durante reunião com uma cliente: “Ela me mostrou, em seu armário, uma colcha de piquê ainda na embalagem de papel celofane: ‘Foi seu pai quem me vendeu’, contou orgulhosa”. Miguel Dib pertencia à Maçonaria, enquanto sua esposa Zaida foi presidente da Sociedade de Assistência aos Lázarus. “Com meus pais aprendemos realmente o que é bondade, generosidade e a compartilhar”, resume.

Sobre sua própria trajetória, Demilton conta que é formado em Engenharia, tendo se graduado em 1969. Seu primeiro trabalho aconteceu dois anos depois, na cidade paulista de São José do Rio Preto, quando participou da construção do edifício de 14 andares do Banco do Brasil. Na sequência, associou-se aos irmãos José e Jorge na empresa de construção civil Constr, onde permaneceu até os anos 80, quando partiu para a carreira solo abrindo escritório de arquitetura. Mas o turning point profissional mesmo aconteceu em 1975, quando ingressou na FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP), em São Paulo. Foram tempos que lhe exigiram esforço dobrado: “Passava quatro dias por semana lá e três

aqui, conciliando estudo e trabalho. Era cansativo, mas foi muito compensador”.

Em São Paulo, Demilton teve contato com o célebre arquiteto João Batista Vilanova Artigas e com a crítica, curadora de arte e professora emérita da FAU, Aracy Amaral. Ela se entusiasmou com o trabalho de conclusão de curso apresentado por Demilton, sobre o arraial do Desemboque, pequena vila colonial do tempo do Ciclo do Ouro e pouco conhecida fora do estado de Minas Gerais. Desemboque chama atenção pelo conjunto arquitetônico onde se destacam as duas igrejas: a de Nossa Senhora do Rosário, destinada aos habitantes ricos; e a de Nossa Senhora do Desterro, destinada aos negros escravizados. “Aracy pediu que eu deixasse o trabalho lá, mas eu sabia que seria apenas um trabalho a mais, por isso trouxe para Uberaba onde poderia ser melhor utilizada, como aconteceu nas aulas de Maria Antonieta Borges Lopes (professora de História e membro da Academia de Letras do Triângulo Mineiro)”, conta.

Porém, trata-se de um espírito inquieto e Demilton enveredou por outros caminhos profissionais no meio artístico. Trabalhou em

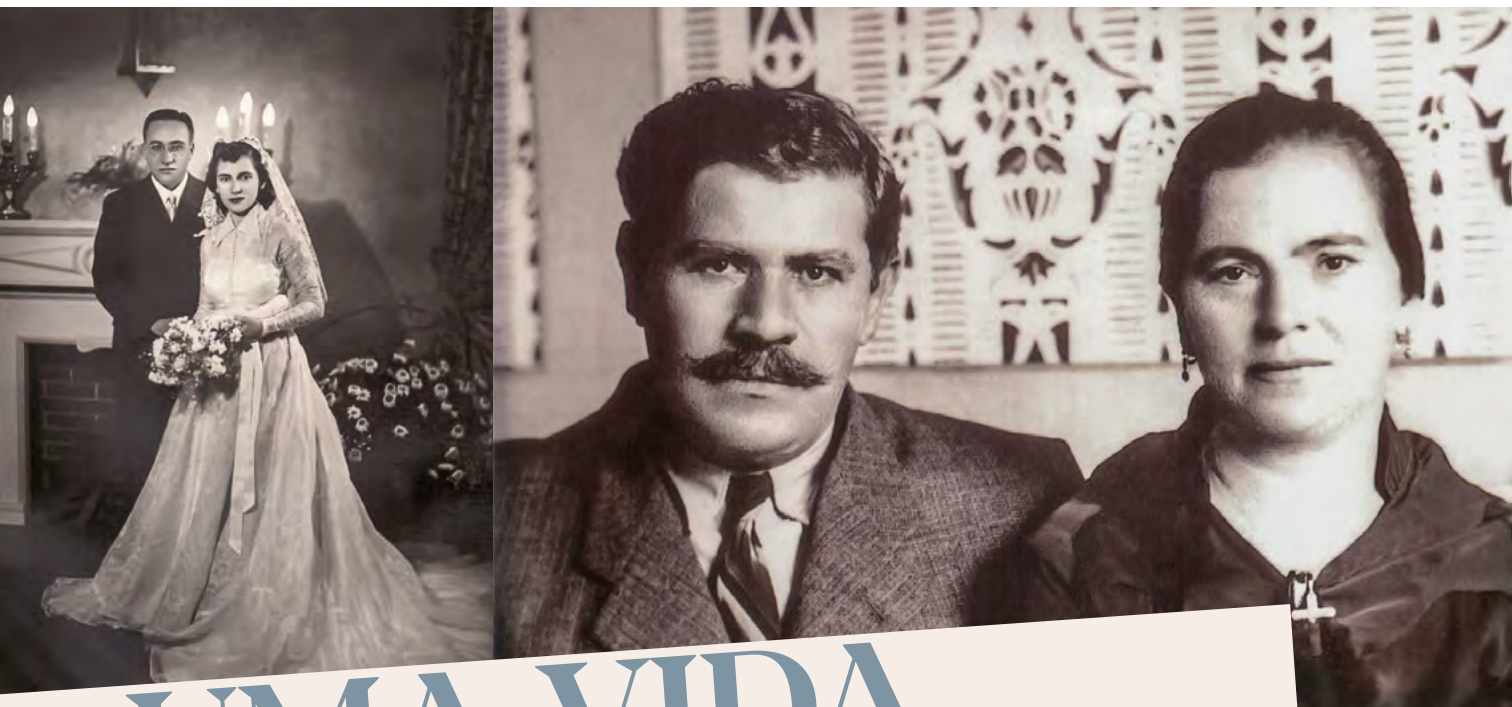


teatro, desenhando cenários, figurinos e dirigindo espetáculos. Também é fotógrafo nas horas vagas. Sem falar na conhecida coleção de antiguidades que, em breve, deve ganhar o cuidado especializado que merece. “Há um mês, alguns amigos se reuniram com o propósito de reunir meu acervo de peças em uma fundação”, diz como quem não quer nada. Aliás, brincou com os amigos: “Vocês estão sabendo alguma coisa que eu não sei? Que eu vou morrer logo?”.

Os amigos o tranquilizaram alegando que chegou a hora de ele designar quem vai cuidar do valioso acervo. Demilton concordou e já existe a minuta para a constituição da administração da entidade. Ao mesmo tempo, outro amigo, Fábio Ávila, da editora de livros de arte Bela Vista, depois de ver as fotos de Demilton (“Tenho cerca de dez mil cromos”) decidiu que elas merecem ser publicadas. Assim, no final deste ano ou no início de 2020, as imagens feitas por Demilton Facuri Dib, fotógrafo, estarão reunidas em livro. “Sou como meu pai, discreto, não gosto de aparecer, mas se eles pensam assim, tudo bem”, declara modestamente. “O problema agora é deles”, conclui bem-humorado. ■



YVONNE SALLUM MACHADO



UMA VIDA ESCRITA EM CALIGRAFIA PERFEITA

Conhecida pelas belas letras que deixou gravadas em inúmeros documentos, e também por seu espírito humanitário, “dona Yvonne do cartório” foi personagem dos mais queridos. Seu filho, Carlos Baptista Machado Neto, e sua nora, Regilene Machado, lembram a grande dama uberabense



Na página ao lado, o casamento de Lauro Baptista Machado e Yvonne Sallum e os pais de Yvonne, Miguel e Rosa Sallum. Nesta página, Miguel e Rosa Sallum com a família

O nome de Yvonne Sallum Machado é um dos mais conhecidos entre as personalidades de Uberaba, Minas Gerais. Tabela do Primeiro Ofício de Registro Civil da cidade, ela faleceu aos 87 anos em 2017, mas continua na memória de várias gerações da cidade.

Uma das razões da notoriedade de “dona Yvonne do cartório” - como era tratada informal e carinhosamente pelos conterrâneos - era a sua caligrafia bela e perfeita. Explica-se: casada com Lauro Baptista Machado, titular do Primeiro Cartório, ela trabalhou primeiramente como escrivã e, portanto, muita gente na cidade possui pelo menos um documento com a letra de dona Yvonne. Para muitos, trata-se de um motivo de orgulho, porque além da caligrafia que ainda hoje salta aos olhos de quem a vê, a tabela estava envolvida com ação social em tempo integral. E não necessariamente por um engajamento político, por causas eleitorais, nada disso.

Para ela o bem comum, da sociedade em geral, era uma visão de mundo.

“Minha mãe foi uma espécie de Madre Teresa de Calcutá, ajudava todo mundo que ela podia”, diz hoje seu filho mais novo, Carlos Baptista Machado Neto. “Era uma alma pura”, completa a mulher de Carlos, Regilene Machado, nora de dona Yvonne. “Bondade e generosidade estavam acima de tudo para ela e, literalmente, fazia o bem sem olhar a quem”, define. Assim, as boas ações se tornaram lendárias e se estendiam para além da família e amigos, sempre intervindo para auxiliar quem a procurava ou colaborando na solução de algum problema humanitário. Regilene chama atenção para o fato de sua sogra ser uma pessoa que realmente sabia ouvir o outro: “Ela jamais julgava ou interferia na vida de ninguém, simplesmente ouvia os problemas e procurava ajudar da melhor maneira possível. E tratava todo mundo da mesma maneira, com a mesma atenção e respeito. Por isso

“Minha mãe foi uma espécie de Madre Teresa de Calcutá, ajudava todo mundo que podia”, diz hoje seu filho mais novo, Carlos Baptista Machado Neto

gostavam tanto dela”, avalia.

De família de imigrantes libaneses, Yvonne era a mais nova, entre a mulheres, de 13 irmãos. Seus pais, Rosa e Miguel Sallum, chegaram ao Brasil no início do século passado. “Meu avô primeiro passou pela França”, conta Carlos. “Ao chegar aqui, viveu algum tempo em Salvador antes de se estabelecer em Uberaba”.

Ao desembarcar, Miguel Sallum estava acompanhado dos irmãos e já casado com Rosa, garota ainda muito jovem, um fato comum na época. Na cidade mineira, os irmãos começaram a trabalhar como muitos de seus conterrâneos, mascateando. “Costumamos falar que nossas famílias vieram do Líbano com o dinheiro do almoço, mas sem o dinheiro para o jantar. Como ainda não tinham parentes por aqui, tiveram que se esforçar muito”, diz Carlos.

O trabalho duro rendeu frutos e o velho Miguel finalmente abriu uma loja de tecidos. Enquanto isso, os filhos iam nascendo: Rafa, Nadime, Nosser, Isaac, Zachia, Olga, Fozo, Moisés, Munir, Açucena, Georgina, Matilde e Yvonne. Todos se estabeleceram na cidade, com exceção de Rafa, que ficou na Bahia. Entre eles, Munir se formou em Medicina e Fozo, em Odontologia.

Quanto à Yvonne, ela trabalhava em uma loja quando conheceu, em 1953, o médico Lauro Baptista Machado, pediatra, filho do dono do Cartório da cidade, Carlos Baptista Machado, que o havia adquirido em 1908. Yvonne e Lauro casaram-se e tiveram dois filhos: Carlos Baptista Machado Neto, médico e advogado - proprietário da Clínica LBM, sucessora da clínica fundada pelo pai em 1951, arrojado empreendedor, criou um centro radiológico de grande porte com equipamentos modernos e profissionais especializados - e Lauro Baptista

Machado Junior, engenheiro e advogado, atualmente titular do Cartório de Registro Civil.

Casada, dona Yvonne foi trabalhar com o marido, como escritã, vindo a assumir como titular do cartório nos anos 1960. É dessa época a sua fama como dona da mais bela caligrafia da região. Seu marido, Lauro, veio a falecer em 2002. “Meu pai também foi uma pessoa muito generosa e mamãe fez questão de passar essa lição para nós”, diz com orgulho o filho Carlos. Ele também lembra que a mãe era alguém muito dedicada ao trabalho, uma empreendedora: “Ela ficava imensamente feliz em ver as coisas prosperarem e se transformarem”, conta.

Dona Yvonne trabalhou praticamente até sua última semana de vida, quando sofreu um aneurisma de aorta ascendente, precisou se submeter a uma cirurgia de emergência e não resistiu. Segundo Regilene, a sogra havia sofrido um sério baque ao perder as irmãs, que eram bem mais velhas e a quem era muito ligada. “Quando ela faleceu, nunca antes um funeral na cidade teve tantas coroas de flores”, conta. “Muita gente veio de outras cidades para o velório ao ouvir no rádio a notícia da morte de dona Yvonne”. Dos treze irmãos Sallum, apenas Fozo ainda é vivo.

Mas dona Yvonne, acabou não conhecendo a terra de seus pais, pois sempre que fazia menção de ir consultava outra personalidade de Uberaba, o comerciante “seu” Latif, expert em Líbano, que viajava regularmente para lá, acompanhando grupos e ciceroneando todo mundo. “Quando surgia o assunto da viagem, minha sogra dizia que antes precisava consultar o “seu” Latif e voltava dizendo: ‘Latif falou que agora não é uma boa época para viajar’. E assim, acabou não indo”, conclui Regilene.

Além dos filhos e noras, dona Yvonne deixou quatro netos: Gabriel e Lauro, filhos de Carlos e Regilene; Henrique e Paula, filhos de Lauro. ■



Yvonne com as irmãs, Georgina e Açucena. Abaixo, Carlos e Regilene Sallum Machado com os filhos, Lauro e Gabriel



FAMÍLIA BARSAM BICHUETTE



Ainda na Turquia, em pé e da esq. para a dir., as irmãs Rihel, Ferid, Melek e Heleny. No centro e sentados, os bisavós Elias Dasho e Mariam Naman com os filhos mais novos, Sake, Samuel e a avó, Asnif

TRÊS DESTINOS

Asnif a avó, Hilda a filha e Miriam a neta. Em suas lembranças e reminiscências encontra-se uma tocante saga familiar iniciada no conflito que vitimou o povo armênio, no início do século passado. Miriam Barsam Bichuette é a memória viva dessa história de sobrevivência, fé e amor



No Brasil, os avós Asnif e Kavme com a bisavó ao centro e Nelson, o filho mais novo. Na segunda fila, Luiz, Hilda, Samuel (irmão mais novo de Asnif), Renê e Henry



Na Turquia, pouco antes da fuga, os bisavós, Elias e Mariam, sentados com as filhas (a avó Asnif é a última à direita) e o filho. Na época, duas filhas já haviam fugido para EUA

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA

Muitos historiadores apontam a Primeira Guerra Mundial como o estopim de vários conflitos localizados que surgiram em sequência, no século 20. Além da Revolução Russa, em 1917, houve um outro drama envolvendo a Turquia e a Armênia. Entre 1917 e 1920 a Armênia foi praticamente arrasada durante combates com os turcos e os russos, que acabaram dividindo o país entre si. Como resultado, o povo armênio perdeu não só a pátria, mas também seus costumes e religião. Toda uma cultura e um modo de vida foram massacrados, fazendo com que muitos se refugassem em outros países. Entre esses sobreviventes estavam Kavme Barsam e Asnif Dasho, os pais da mineira Hilda Barsam Bichuette, personalidade conhecida na sociedade de Uberaba, falecida em 2009, mas ainda presente nas lembranças da família, sobretudo de sua única filha, Miriam Barsam Bichuette.

A história da família remonta ao avô materno de Hilda, Elias Dasho, um dos maiores comerciantes de sua época no Oriente Médio, ainda no tempo em que esse tipo de atividade era feito em caravanas, transportado por camelos. O velho Elias saía da Armênia e percorria Palestina, Síria, Jordânia, Iraque e Líbano. Ele teve uma vida muito intensa: por ser da fé católica ortodoxa foi perseguido pelos turcos muçulmanos que conquistaram a Armênia. Morreu aos 93 anos.

Nascidos respectivamente em 1906 e 1907 - em Elazig, que hoje pertence à Turquia - Asnif e Kavme, tiveram uma infância conturbada devido à instabilidade política de um país conquistado e dividido, uma vez que a perseguição ao povo armênio não vinha apenas dos turcos, mas também dos gregos. Segundo Hilda, em depoimento que deixou antes de morrer, em janeiro de 1997: “As crianças não podiam nem estudar porque estavam em uma escola francesa que era fechada de repente. Então, abria-se uma escola inglesa e, depois de algum tempo acontecia a mesma coisa”, contou.

Asnif pertencia a uma família com seis irmãos e um irmão, e o plano dos pais era enviar as garotas para estudarem nos Estados Unidos, porque não havia futuro para nenhuma delas na Armênia. Já Kavme atingiu a idade de se alistar no serviço militar, o



que significava ter de assumir a nacionalidade turca, algo que ele não pretendia, por isso conseguiu um passaporte falso para sair do país. Ele então se casou com Asnif, sua prima em terceiro grau, e decidiu que o destino do casal seria os Estados Unidos, onde tinha primos vivendo na Califórnia. Porém, o destino interveio. Em plena fila para passar pela alfândega, antes do embarque, alguém falou a Kavme sobre o Brasil, uma terra boa repleta de oportunidades. Mesmo sem ter a menor ideia de onde ficava tal país, ele trocou as passagens. Era o ano de 1929.

Durante a viagem Kavme também ficou sabendo que um conhecido seu estava vivendo em Uberlândia. Por isso, ao desembarcar em Santos, ele seguiu viagem para Minas Gerais. Um tempo depois, sua esposa Asnif e seu filho Renê chegavam no Brasil para o encontro com o marido e pai Kavme. No intervalo de seis, ele já possuía uma loja e, em seguida, abriu uma filial em Uberaba, para onde se mudaram e onde viveram o resto de seus dias. “Em nenhum momento meu pai se arrependeu de ter vindo para cá”, dizia Hilda. “Ele aprendeu português muito rápido, conversando com a clientela da loja e vendo filmes brasileiros, pois gostava muito de cinema”. Asnif, apesar de também ter se desembarçada com português muito rápido, conservou o forte sotaque do idioma natal.

Em seu comércio - que de Loja Glória em Uberlândia se tornou Casa Glória, em Uberaba - Kavme vendia sapatos, bolsas, enxovais, uma

Miriam com os avós, Asnif e Kavme, e Hilda no colo da mãe, em 1970



infinitude de artigos. Enquanto na casa de dois cômodos, atrás da loja, a família crescia. Depois de Renê vieram Henry, Hilda, Luiz e Nelson. Asnif cuidava dos filhos e lhes ensinava idioma armênio ao mesmo tempo em que aperfeiçoava o português, lendo as obras completas de Malba Tahan e Monteiro Lobato.

Segundo Hilda, a mãe era muito curiosa e procurava se manter informada lendo tanto os jornais brasileiros quanto os que lhe chegavam da Armênia: “Meu irmão Luiz e eu herdamos dela o gosto pela leitura”.

A mãe e uma das irmãs de Kavme também vieram para o Brasil, mas se estabeleceram no Rio de Janeiro. quanto a ele, gostava tanto do país que o chamava de Canaã - a bíblica Terra Prometida: “Um lugar bom demais para se viver”, lembrava a filha. Outro parente, um irmão de Asnif veio igualmente morar no Rio de Janeiro, mas tratava-se de uma alma livre e não quis saber de constituir família, nem se importou com a herança dos pais. “Acho que ele era um hippie antes do tempo”, acreditava Hilda.

A Casa Glória, localizada na rua Artur Machado, funcionou até 1947. No ano anterior, Kavme havia viajado para os Estados Unidos a fim de ver a família que lá vivia, tanto os irmãos dele quanto os de sua esposa. Em um mês de estada conheceu o negócio de exportação de cereais que seus irmãos mantinham e voltou ao Brasil querendo fazer o mesmo por aqui. A família então se mudou para São Paulo, onde os negócios foram bem, mas ninguém se adaptou realmente à grande metrópole e no espaço de um ano estavam de volta à Uberaba.

Na cidade, os filhos de Asnif e Kavme estudaram no Colégio Diocesano, com exceção de Hilda, que foi para o Colégio Nossa Senhora das Dores.

A família, claro, enfrentou tempos difíceis, mas o casal nunca deixou que isso perturbasse a harmonia da casa. Hilda se lembrava perfeitamente que a mãe, além de ajudar o pai na loja, quando voltava para casa ia direto para a máquina de costura onde fazia as roupas de todos: “Ela costurou até o terno da formatura do meu irmão Renê”. Era Asnif também



Retorno às raízes: Miriam e sua mãe, Hilda visitam Uçhisar, uma vila na região da Capadócia. Ao lado, Hilda na casa da Virgem Maria, no monte Kressos, próximo da cidade de Éfeso, na Turquia. Na página ao lado, Miriam Barsam Bichuette resgata a memória da família



Hilda, que dizia orgulhosa: “Ela vale ouro e me deu cinco netos”. Hoje, Miriam traz na memória imagens da saudade que a avó, Asnif, sentia dos familiares que viviam na Armênia: “Ela chorava muito ao receber as cartas das irmãs e me ensinou que o exilado é aquele que foi obrigado a sair de onde nasceu e partir para longe por uma questão de sobrevivência”, explica. Por isso, sabia o quanto seria importante para sua mãe, Hilda, poder voltar a Armênia, refazendo o caminho que trouxe seus pais ao Brasil. Bastante emocionada, ela relata como uma notícia triste colocou em movimento a ligação com os antepassados armênios, resgatando e fortalecendo os mais profundos laços do amor familiar.

“Em 2009, minha mãe e eu recebemos de mãos dadas – como vivemos sempre – uma sentença amarga de um médico: ‘A senhora tem 24 meses de vida. Façam tudo o que quiserem, o que sonharam, tão logo puderem. É uma corrida contra o tempo’. Saindo dali perguntei a ela qual era seu maior sonho. Minha mãe disse que já não tinha um sonho específico, tendo vivido amando e sendo amada pelos pais, irmãos e amigos. Mais tarde, viveu um grande amor e teve uma filha que era praticamente sua alma gêmea. Dessa filha vieram os cinco netos: Alice, José, Guilherme, Fernando e Marina. Portanto, dizia não ter sobrados grandes sonhos a serem realizados. Entretanto, havia um desejo secreto: o retorno. Aquela viagem que seus pais não puderam

empreender, o retorno às raízes!

Com isso em mente, partimos no mês seguinte de volta à ‘Passágarda’, para Elazig, na Turquia - com mamãe ainda em boas condições físicas. Fizemos escala em Istambul – a capital do mundo em cores vivas - e seguimos rumo a Ancara, passando pela Capadócia. Finalmente, aterrissamos em Elazig em um dia sereno de abril de 2009. Ali, entendi o que significa memória genética. Não sei se influenciada pela enorme quantidade de histórias que ouvi de minha avó - com quem convivi até os sete anos e com quem viverei na memória pelo resto da vida - em minhas lembranças - ou por presenciar o êxtase de minha mãe quando andávamos por aquelas ruas, sabendo que sua jornada chegava ao fim, mas senti a imensa paz imensa do que é ‘poder voltar’. Voltar para onde tudo começou.

Nos arredores da cidade subimos até as ruínas de Harput, a cidade encravada nas pedras das montanhas, uma região da Armênia Ocidental, para onde os armênios fugiam quando o exército turco assolava Elazig recrutando os jovens locais para marchar e morrer nos campos de concentração e extermínio. Juntas exploramos os esconderijos nas pedras e os subterrâneos, sentindo a dor e a angústia dos nossos antepassados.

Ao voltar, passamos por Éfeso, a cidade em que a Virgem Maria viveu e morreu, levada pelo apóstolo João após a morte de Jesus Cristo. Na porta da casa da Virgem, mamãe sorriu para mim e me disse muito feliz: ‘Estou pronta. Já posso partir’. Eu, confusa, disse que não, afinal passaríamos ainda por Paris antes de regressar ao Brasil. Ao que ela me respondeu: ‘Minha filha, estou pronta para encerrar minha jornada. Fechar o ciclo. Fazer a derradeira viagem. E uma mãe só sabe se foi boa depois que se vai. Conforme seus filhos e netos vivem sem sua presença física. Prometa que você levantará todos os dias para sempre dar o melhor de si, passando isso para os meus netos. Assim, terei descanso’.

Olhando nos seus olhos prometi que cumpriria isso enquanto meus olhos se abrirem todos os dias. Entendi então quando ela me dizia que não somos nós que encontramos a fé. É ela quem nos encontra na época da vida mais certa para cada um.

Era Deus que estava nos olhos dela.

Sempre foi.

Que ela esteja em paz!”. ■

quem assumia a frente dos negócios quando o marido viajava. O fato de não haver uma colônia armênia em Uberaba, fazia com que a casa fosse frequentada pelos amigos do bairro. Hilda comentava que a vizinha, dona Vidica, era tão amiga de sua mãe que mais pareciam duas irmãs.

Quando os irmãos de Hilda, Renê e Luiz cresceram, começaram a investir em negócios próprios, como uma empresa de ônibus, depois ganharam juntos com o amigo Gilvan e José marido de Hilda, a concorrência para a compra de uma linha de transporte urbano e, mais tarde, foram proprietários da empresa de ônibus Líder. E três dos filhos irmãos se formaram em Medicina.

Kavme, que chegou aos 23 anos em Uberaba, nunca mais voltou à Armênia, mas teve seu amor pela cidade recompensado ao receber o título de Cidadão Uberabense, o que lhe encheu de orgulho. Ele morreu aos 81 anos. A esposa, Asnif, durante muito tempo alimentou o sonho de voltar ao país de origem e rever seus familiares, mas, ainda segundo sua filha Hilda,

quando teve a oportunidade a saúde não permitiu que fizesse a viagem e ela veio a falecer em 1974.

Coube a Kavme e aos filhos Renê e sua mulher Beth, Hilda e seu marido José, manter os laços com os parentes através da participação em um dos encontros promovidos pelo ramo californiano, que aconteciam a cada dois anos. Em 1980, eles passaram uma semana entre a família americana conhecendo três das irmãs de Asnif. Quem mais se aproximou do clã internacional foi o filho Renê que, durante o tempo em que fez pós-graduação em Medicina, em Bolonha, Itália, chegou a passar um Natal com a família da mãe na Armênia. Dentre os filhos, ele foi o mais popular em Uberaba, devido à grande paixão pelo futebol, sempre apoiando e colaborando com o time do coração, o Uberaba Esporte. Hilda se divertia ao contar que o irmão chegou a superar um crônico medo de andar de avião apenas para poder acompanhar a equipe. Infelizmente ele morreu precocemente, aos 58 anos.

Miriam Barsam Bichuette foi a única filha de



As irmãs Beatriz e Denise da Cunha Tahan

MINEIRAMENTE DISCRETAS E IMPECÁVEIS

Pode-se afirmar que elas são as grandes anfitriãs de Uberaba.

À frente do conjunto hoteleiro da família, o tradicional Tamareiras, conhecem as melhores atrações da região, detectam os menores desejos dos hóspedes e sabem que se Zeca Pagodinho está chegando, é bom que as cervejas estejam no gelo

Verdadeira joia arquitetônica, o Tamareiras Park Hotel já era uma atração turística da cidade mineira de Uberaba mesmo antes de ser transformado no hotel favorito de nove entre dez estrelas do

showbiz nacional. O que é hoje o edifício principal de um conjunto hoteleiro com 200 apartamentos - do qual também faz parte o Tamareiras Prime - foi inicialmente a residência de um rico agropecuarista mineiro amigo do então presidente da República, Getúlio Vargas. Construído em estilo mouro-florentino por um arquiteto austríaco, o edifício se tornou famoso pelos materiais nobres utilizados em seu acabamento: azulejos portugueses, vitrais alemães, lustres de alabastro, mármore de Carrara e espelhos de cristal francês. Quando o empresário Silvio Rodrigues da Cunha adquiriu o imóvel em 1985, para transformá-lo em hotel, todo o luxo original foi mantido intacto. Inclusive as Tamareiras, trazidas do Oriente, que estão lá desde 1941.

É a partir daí que começa a história e a fama do Tamareiras como endereço que, nas últimas três décadas, serve não só os muitos turistas que viajam pela região do Triângulo Mineiro, como também atraiu a atenção de cantores, músicos, atores e inúmeras celebridades que vão se apresentar em Uberaba devido a sua intensa vida cultural movida pelos colégios e universidades locais e, sobretudo, pelo agronegócio.

Mas, sem dúvida nenhuma, grande parte do prestígio do hotel se deve às irmãs Denise da Cunha Tahan e Beatriz da Cunha Tahan Oliveira, sobrinhas do empresário Silvio Rodrigues da Cunha, que à frente da administração da casa esbanjam simpatia, competência e invejável jogo de cintura para lidar com os desafios de manter hóspedes satisfeitos e fiéis.

Com a palavra, as irmãs Denise e Beatriz, que receberam Carta do Líbano para um delicioso papo mineiro - com pão de queijo, é claro - falando das origens do clã Tahan, sua chegada ao Brasil e, sobretudo, de seu rotina, recebendo de altos executivos, a turistas que vêm conhecer a cidade do médium Chico Xavier, até aqueles que atendem pelos nomes de Chitãozinho e Xororó, Daniela Mercury, Luan Santana e... Anitta.

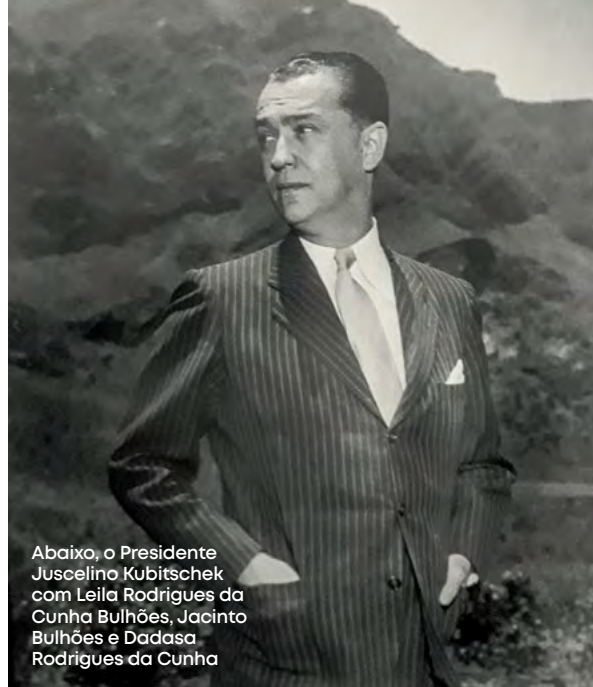
FOTOS: FOUAD NAIM E DIVULGAÇÃO

A jornalista Virginia Abdalla e Silvio Rodrigues da Cunha. Abaixo, Presidente Juscelino Kubitschek e Isa Tiradentes



“Nossa ascendência é síria, vem do nosso avô, Antônio Tahan. Ele chegou ao Brasil com dois anos, junto com os pais e o irmão. A mãe dele, nossa bisavó, estava grávida e até hoje não se sabe se ela deu à luz durante a viagem de navio ou quando chegou ao país. A família morou em Franca, Ribeirão Preto, São Joaquim e Batatais. Foram donos de loja de tecidos e também de uma sorveteria. Quando eles se mudaram para Uberaba, meu avô já era adulto e casado com minha avó, Alice. No início abriram uma venda, que virou um armazém e depois um supermercado. Nosso pai, Antônio Tahan, era o filho mais velho, em seguida veio o tio Sérgio e depois vieram as tias Maria Augusta e Zuleica, que ainda estão vivas e moram aqui em Uberaba. Foi aqui que todos fizeram a vida e vovô faleceu há vinte anos.”

“Desde pequenas, papai nos levava com ele



Abaixo, o Presidente Juscelino Kubitschek com Leila Rodrigues da Cunha Bulhões, Jacinto Bulhões e Dadasa Rodrigues da Cunha



para o supermercado. Víamos todo o movimento, a caixa registrando as mercadorias. Então, o tio Silvio abriu um motel na cidade e com o dinheiro que ganhou resolveu fazer um hotel. Ele comprou esta casa, que é patrimônio histórico de Uberaba, e construiu a primeira torre do Tamareiras, com 70 apartamentos. Tio Silvio teve a ajuda do nosso irmão, Hugo Sérgio, que era o seu braço direito. Com eles nós duas aprendemos tudo o que é preciso para gerenciar um hotel. E estamos aqui, há 30 anos, trabalhando em família.

“O hotel Tamareiras foi construído em três etapas: a primeira torre, com os 70 apartamentos, mais a recepção, e mantendo intacta a casa tombada, com seus azulejos originais, madeiramentos, lustres de alabastro... A seguir foi construída a parte que fica além da piscina, com acesso pela passarela, com 30 apartamentos. Por último veio o anexo aqui ao lado, que dá para a rua Capitão Manuel Prata. Finalmente ele decidiu construir o Prime, que fica do outro lado

da rua. Ao todo são 200 apartamentos. A construção tomou tempo porque foram três anos só para a liberação da prefeitura para o uso da passarela, por exemplo. Existe muita burocracia, regras e normas a serem observadas e obedecidas.”

“A rotina do hotel funciona assim: durante a semana a maioria dos hóspedes que recebemos são funcionários de empresas, representantes comerciais, representantes de laboratórios - há muitos hospitais na região - pessoas que trabalham nas faculdades, gente do agronegócio. Nos finais de semana, o movimento é das festas de casamento, formaturas e caravanas espíritas, o turismo religioso. Uberaba é a cidade de Chico Xavier e muita gente vem para visitar o túmulo dele, a casa onde ele viveu e aos vários centros espíritas que seguem a mesma linha kardecista. Essas pessoas também vêm em busca de uma palavra de conforto ou de mensagens psicografadas de seus entes queridos que partiram.”

“É bom lembrar que Uberaba é praticamente equidistante de São Paulo, Belo Horizonte e Goiânia, três grandes centros. Aqui é um ponto de parada estratégica para quem está fazendo uma viagem longa e precisa de um lugar onde descansar ou passar a noite. São inúmeras as excursões que passam por aqui. Temos inclusive um esquema montado para atender esses turistas itinerantes. Muitas vezes chega um ônibus lotado às seis da manhã, então é preciso ter o café da manhã pronto, esperando por eles.”

“Uberaba é também uma cidade universitária e, por isso, há muitos eventos destinados aos jovens. Muitos shows, festas, que atraem muitos artistas que, claro, se hospedam conosco. Sem falar na Expo Zebu, a grande feira internacional de gado. Ela chegou a ser enorme, mas devido à crise deu uma encolhida e agora está retomando. Durante uma época havia shows praticamente em todos os dias da feira, que acontece em maio. Há também outras feiras menores durante o ano.”

“Quando os artistas vêm se hospedar aqui é preciso atender várias exigências. Por exemplo, o Zeca Pagodinho não quer saber de cerveja no frigobar, ele quer cerveja no gelo. Antes dele chegar, tem de haver pelo menos duas caixas de cerveja no gelo. Já o Fábio Jr. fez questão de chá de erva cidreira fresca e tivemos que mandar buscar na fazenda. O Luciano, da dupla com o irmão Zezé de Camargo, exige que a janela

do quarto esteja lacrada para não passar nem uma fresta de claridade. São várias exigências dependendo do artista. Tem aquela das não sei quantas toalhas no quarto, o outro que quer experimentar os vários tipos de frutas da região...”

“A ligação de Uberaba com o universo sertanejo é forte e, por isso, recebemos muitos artistas desse gênero, que vêm não apenas pelas feiras de gado, mas devido à população que vive em torno das muitas fazendas. Um dos mais simpáticos e gentis é o Daniel, que fez questão de perguntar quantos funcionários havia no hotel para deixar uma foto autografada para cada um. Em uma de suas estadas, ele já estava indo embora atrasado, para participar do programa do Faustão, com o avião esperando na pista do aeroporto. Ele saiu pelos fundos, passou pela governança e o empresário foi apressando: “Não vai parar para tirar fotografia com ninguém”. O Daniel disse: “Vou parar sim! Olha que moçada bonita”. Posou para uma foto junto com todas as funcionárias, como um time de futebol.”

“Outra simpatia foi a Angélica. Uma vez ela estava hospedada no hotel e uma sobrinha nossa, na época com 4 anos, veio vê-la, falou com ela e ganhou um autógrafa. No dia seguinte, a menina veio jantar com os pais e viu a Angélica no restaurante, com a equipe. Ela foi correndo falar com a Angélica de novo: “Oi, lembra de mim?”. É claro que no meio de tanta criança que falou com ela, a Angélica não ia lembrar. Mesmo assim ela disse: “Claro que eu lembro. Como você cresceu”.

Alguns artistas são muito atenciosos e outros nem deixam chegar perto. Na verdade, a maioria dos artistas é simpática e quer receber os fãs. Quem costuma barrar tudo mesmo, são os empresários. Não deixam nem chegar perto. A Anitta não quis

“Quando os artistas vêm se hospedar aqui é preciso atender várias exigências. Por exemplo, o Zeca Pagodinho não quer saber de cerveja no frigobar, ele quer cerveja no gelo”

saber de tirar fotos com ninguém.

Já a Ludmilla foi super receptiva com todos. Cada caso é um caso e por isso treinamos nosso pessoal para ser, antes de tudo, profissional.

O Luan Santana é um que chega, sobe para o quarto e tudo que tem a ver com ele, inclusive a comida, quem recebe é o empresário. Ninguém tem acesso.”

“Outra coisa, como estamos perto do teatro, muitos atores também se hospedam conosco. E tem os que são clientes fiéis, como a dupla Christian e Ralf, que mesmo quando fazem shows em alguma cidade vizinha, estão sempre conosco.”

“Eventos que atraem muitos hóspedes são os campeonatos de dança entre colégios. Ficamos lotados de jovens com seus professores.

A gente também notou que geralmente os artistas mais velhos, e mais experientes, costumam ser os mais acessíveis. O falecido Cauby Peixoto esteve aqui e foi supersimpático. Andou pelo hotel e fez questão de conhecer tudo. Já a Daniela Mercury, chegou de chapéu, óculos escuros e foi se sentar em um cantinho do café, sem falar com ninguém. Ao contrário da Sabrina Sato que chegou toda sorridente, conversando muito e tirando fotos.”

“Também existe o fator segurança e alguns desses cantores que viajam com uma equipe grande, em ônibus próprio, ficam aqui, mas a equipe não. Porque se o ônibus estiver parado aqui em frente, chama muita atenção.”

“Quando a Expo Zebu era muito grande, com shows diários, era preciso contratar seguranças. Porque vinham Sandy e Junior, Chitãozinho e Xororó, Leandro e Leonardo, Ney Matogrosso... A prefeitura chegava a interditar a rua e mandava a Guarda Municipal para orientar o trânsito, de tão grande que era a multidão querendo ver os artistas.

Agora acontecem os jogos universitários, que atraem muitos shows e outros eventos para jovens. No ano passado estiveram aqui Anitta, Ludmilla e o DJ Alok.”

“Estamos trabalhando aqui há 30 anos, é toda uma vida. Fomos adquirindo experiência com o passar do tempo. Nossa primeira experiência com uma celebridade foi com o Clodovil, que fez questão de lençóis de cetim e serviço de chá de prata. Claro que também existem aquelas histórias que não se pode contar...” ■



A advogada Mônica
Cecílio Rodrigues

INTELIGENTE E DIRETA AO PONTO

Especializada em Direito de Família, Mônica Cecílio Rodrigues revela-se craque em argumentação e retórica dentro e fora dos tribunais

“O saber é sempre libertador”, é o mote de vida da advogada mineira Mônica Cecílio Rodrigues que, seguindo a tradição familiar, atua no mesmo campo profissional de seu

pai, dedicando-se às causas das ações de família. Seu trabalho, ela acredita, não se resume ao atendimento a clientes e atuação nos tribunais, mas também à conscientização do cidadão dos direitos e deveres de cada um na área legal. Por isso, faz inúmeras palestras, concede entrevistas e mantém uma coluna semanal no jornal de sua cidade para compartilhar experiências, reflexões e conhecimento profissional - discorrendo sobre julgamentos emblemáticos das Cortes Brasileiras.

Ela fez doutorado em Direito na PUC de São Paulo, o que para ela significou também um momento de crescimento pessoal. Atualmente dedica-se a um estudo comparado entre algumas legislações brasileiras com as de outros países, no que diz respeito ao Direito de família e sucessão. O objetivo é apresentar benefícios existentes na legislação estrangeira ainda desconhecidos pelos brasileiros. Um de seus mais recentes trabalhos apresentados foi no Congresso Internacional de Direitos Humanos, realizado em Coimbra, Portugal, onde discorreu sobre O Estatuto da Pessoa Com Deficiência, comparado à legislação lusitana, o que despertou crítica ferrenha à legislação brasileira sobre o processo que regulamenta este direito.

A busca pelo aprimoramento profissional também passa pelos cursos internacionais, onde tem a oportunidade de passar pela orientação de renomados professores, como no curso de estudos comparados Itália-Brasil, que frequentou em Roma.

“O saber é sempre libertador”, é o mote de vida da advogada mineira Mônica Cecílio Rodrigues

FOTO: DIVULGAÇÃO

A descendência libanesa vem do lado materno e Mônica se emociona ao falar dos valores que aprendeu com sua avó, dona Regina

Também atua no magistério, que considera um saudável exercício de estar em contato com pessoas receptivas ao aprendizado e apressa-se em dizer: “Aprendo muito mais ensinando”!

A descendência libanesa vem do lado materno e Mônica se emociona ao falar dos valores que aprendeu com sua avó, dona Regina, na infância. Sobretudo uma fé inabalável: “Com ela o imponderável é sempre recebido com doçura e como aprendizado”, acredita.

Os avós maternos, Nassim Gerges Sassine (Cecílio) e Regina Assaad Salloum (Sallum), eram primos, se casaram muito cedo no Líbano e vieram para o Brasil, onde formaram família no Paraná. Depois do casamento da filha mais velha, o casal se mudou para Uberaba, onde os pais de Mônica se conheceram. Filha única de João e Linda, ela teve educação severa e costuma brincar: “Pedra boa vem uma só mesmo...”

Da avó materna diz ter herdado o aprimorado gosto pela gastronomia, aprendendo desde cedo as delícias da culinária árabe, mais tarde se aperfeiçoando com a mãe, também dona de talentos culinários. Os momentos de lazer são dedicados a analisar minuciosamente uma receita antes de prepará-la. Declara sem reservas que utiliza os familiares como cobaias em suas “experiências alimentares”.

No mais, é preciso dizer que Mônica tem o dom da palavra. Inteligente, sagaz e bem-humorada ela adora a conversação instigante, a troca de ideias estimulantes. Ninguém realmente sai incólume de um papo com a advogada que deixa uma marca indelével na memória de quem a conhece. ■



O oftalmologista Cristiano Miziara com a esposa, Maria Helena, e os filhos, Lucas, Felipe e Caio

BAÚ DE MEMÓRIAS

Duas linhagens libanesas se encontraram e se uniram em Uberaba, no início do século passado, formando uma das grandes famílias responsáveis pelo progresso da cidade. A partir do relato de um membro desse clã poderoso e atuante, o médico Cristiano Miziara, pode-se traçar a história dos Frange - originários de Zgharta - e dos Miziara - que adotaram o nome da cidade localizada ao norte do Líbano

Com o orgulho de mostrar a trajetória dos primeiros imigrantes libaneses, no Brasil, no final da última década do século 19, durante o “boom” da migração, podemos dizer, com todo respeito, que pertencemos

a duas famílias tradicionais e importantes no Líbano e, também, que se tornaram importantes e tradicionais aqui, pelo que fizeram ao longo de suas vidas. Pelo lado materno, são os Frange (no Líbano, Frangieh) de Zgharta, extremamente políticos como veremos adiante. Aportando no Rio de Janeiro vieram para Uberaba onde se radicaram, formando uma grande e respeitada família. Entre seus membros, destacamos entre outros, dois expoentes que participaram ativamente, influenciando, para o bem, a história da cidade em que viviam. O primeiro, dr. Jorge Frange, ainda lembrado como um dos maiores médicos de Uberaba e, também, grande líder político que tinha o dom de equilibrar os debates com seu senso apaziguador. Seguindo a tradição familiar que veio do Líbano, de se envolver politicamente na sociedade, como seus parentes que lá ficaram e se tornaram presidente, como Sleiman Frangieh (1970-1976), deputado, como Tony Frangieh e muitos outros, foi candidato a prefeito de Uberaba, perdendo por uma pequena margem de votos, mas nunca se abateu e continuou a sua luta política e médica para o bem de seus conterrâneos até o fim da vida, ocupando outros cargos em Asilos, Santa Casa de Misericórdia, Sociedade de Medicina e Cirurgia de Uberaba, diretor do Jockey Club de Uberaba, sócio fundador da Rádio Sociedade Triângulo Mineiro, a quarta a ser fundada no país, dos Laticínios Triângulo Ltda e do Hospital Santa Rita hoje Hospital São José em 1932 e inspetor do Ensino Secundário (alto cargo no funcionalismo federal). Teve um filho, também médico, com nome extremamente respeitado e admirado durante toda a sua vida: dr. Frederico Alonso Frange. Isso posso atestar pois convivi social e profissionalmente com ele por muitos anos. Ele, também político, foi vice-prefeito em Uberaba na década de 1980. Como mais um exemplo de político na família temos, um primo, sobrinho de dr. Jorge, chamado dr. Paulo Jesus Frange, médico,

FOTOS: ALBUM DE FAMÍLIA



Rosa Frange com os filhos, Olga e Neif, em pé. Mais à frente, Esmeralda com Maria no colo e Dalva, à direita

que é, pela quinta vez consecutiva, vereador na cidade de São Paulo. Imaginem, saiu de Uberaba e venceu, politicamente, na maior cidade do Brasil. Em Zgharta, por todos os lados que olhamos, vemos letrados comerciais com o nome Frangieh, onde podemos notar que, ainda hoje, a família tem grande influência, também, no comércio.

O segundo, Felício Frange, meu avô e irmão de dr. Jorge, é ainda lembrado, 50 anos após a sua morte, como um dos maiores beneméritos da história de Uberaba. Foi um gigante, literalmente, no ramo em que atuava pelo tamanho e volume de negócios e na bondade com que distribuía seus lucros. Foi o maior marchante de gado de Uberaba e região e nas décadas de 1940 a 1960 foi o único, repito, o único que abasteceu toda a população da cidade com carne de gado e de porco e, por tudo isso, era o maior contribuinte dos cofres públicos, conforme matéria publicado no jornal “Lavoura e Comércio” no dia 6 de julho de 1940. Os comerciantes de carne

“Felício Frange foi um homem memorável. Ele abatia o gado, e partia em direção aos açougues para a distribuição da carne, mas antes passava por asilos, creches, instituto de cegos etc. onde deixava a quantidade necessária para cada um”



Jorge Frange e Felício Frange

do mercado tinham livre acesso ao Matadouro Municipal, mas preferiam receber a carne das mãos do sr. Felício, que era, comprovadamente, um negociante honesto e benquisto, oferecendo produtos de qualidade a preços acessíveis.

Felício Frange foi, também, um homem memorável, um cidadão exemplar. Ele abatia o gado, às segundas, quartas e sextas feiras e, logo após, partia em direção aos açougues para a distribuição da carne, mas antes passava por asilos, creches, instituto de cegos, etc... onde deixava a quantidade necessária de cada um. Esse compromisso, ou melhor, essa obrigação a que ele se propôs não tinha nenhum contrato firmado entre as partes, como também não tinha nenhum

pedido por parte das entidades. Fazia isso porque achava que devia fazê-lo. Após todo esse ritual retornava para casa, tomava um banho e almoçava por volta de 10h30, 11h00 da manhã, almoço esse que era feito em grande quantidade pois ele criou o hábito, entre as pessoas pobres do bairro de, diariamente, irem lá pedir um prato de comida que jamais foi recusado. A maioria levava uma pequena sacola onde ele, pessoalmente, através da janela, colocava um pedaço de carne para a família do mendigo. Essa passagem que eu vivenciei, quando criança, nunca me saiu da memória. Em 1948 ele e sua filha Esmeralda, que sempre esteve à frente das iniciativas sociais, fizeram parte dos fundadores da Sociedade de Assistência aos Lázaros. E tenho certeza que toda a Uberaba chorou com sua morte. Morte de uma das maiores beneméritos dessa cidade, um homem que tinha uma estatura moral como poucos que já vi.

Temos que fazer justiça, não esquecendo de falar de sua esposa e companheira de toda a sua vida: Rosa, uma libanesa que chegou ao Rio de Janeiro em 1913, em Uberaba em 1916 e lhe deu seis filhos, Esmeralda, José, Neif, Olga, Dalva, minha mãe e Maria. Tinha grande devoção a ele e seus descendentes. Em tudo o ajudou e sempre o apoiou em suas obras. Ela nunca perdeu o sotaque da língua pátria e sempre nos dizia: tem duas palavras que não consigo falar: “bassora” (vassoura) e “manjoca” (mandioca). Nas palavras de sua neta Olga Maria Frange, hoje uma grande pianista, maestrina e escritora que está escrevendo um livro sobre “Os Pioneiros da Música em Uberaba”, de 1815 até o final do século 20, “Ele tinha um temperamento solar, brilhante, barulhento e invasivo e ela, Rosa, era lunar e se colocava sob uma luz diáfana e noturna em relação ao astro-rei. Assim eles se completavam”. ■



No hall da entrada da prefeitura de Miziara, a placa alusiva ao primeiro emigrante libanês no Brasil, José Mussi. Os irmãos, Dalva Maria, Cristiano, Tereza Cristina e Regina Lucia Miziara

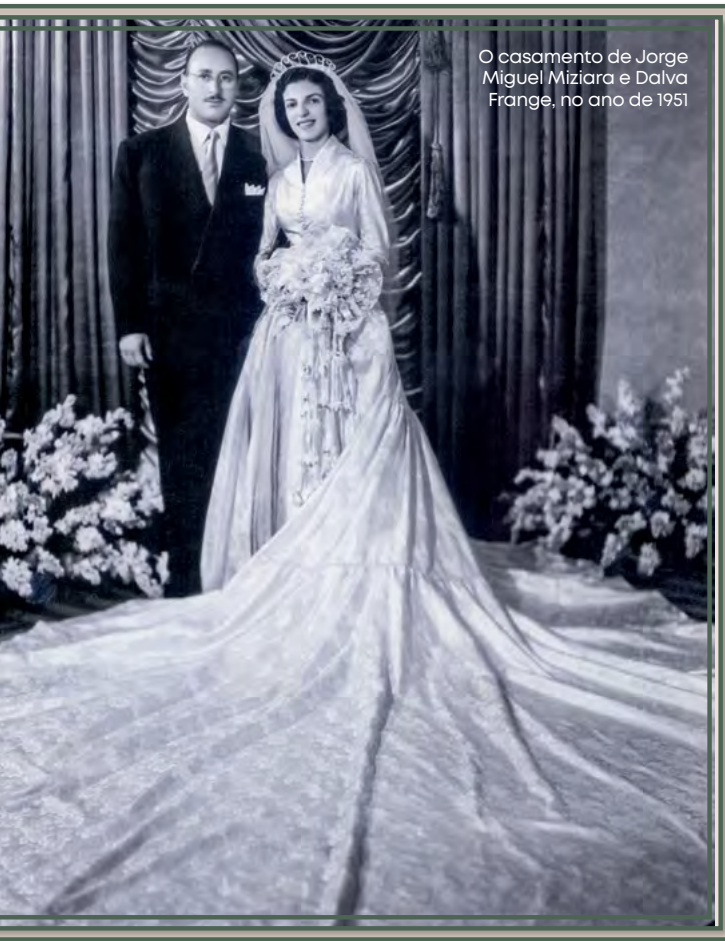
FAMÍLIA MIZIARA

Antes de fugir dos turcos, os moradores combinaram que para onde quer que fossem passariam a assinar Miziara, em homenagem à terra natal e para que quando se encontrassem, em qualquer lugar do mundo, saberiam quem eram

O outro ramo da família, agora pelo lado paterno, não menos importante e tradicional é o dos Miziara, sobrenome esse que não é o de batismo e cuja emigração ocorreu de modo diferente às de outras cidades, pois foi um pouco mais traumático e mais doído. Miziara era, como ainda é hoje, uma pacata aldeia situada nas montanhas, 800 m acima do nível do mar, no norte do Líbano, habitada por um povo que levava a vida tranquilamente, meio isolados do restante do país. Segundo o seu atual prefeito, Marun Dina, é a aldeia mais rica do país, graças à diáspora que se iniciou em 1880, coincidindo com o início oficial da emigração para o Brasil pois, após se estabelecerem em suas novas pátrias, passaram a

enviar dinheiro aos que lá ficaram, propiciando um grande desenvolvimento. Diáspora, é a dispersão de um povo por perseguição política ou religiosa. Quatro anos antes, em 1876, D. Pedro 2 foi lá, pessoalmente, convidá-los à imigração.

O que precipitou a emigração dos habitantes de Miziara foram dois fatores: a dificuldade de trabalho em um país pequeno com uma população relativamente grande. Em 1516, os turcos otomanos invadiram e dominaram, com mão de ferro, o território libanês por 402 anos, até o fim da primeira guerra mundial. Eles não toleravam a menor tentativa de insurreição e os revoltosos eram mortos sumariamente, juntamente com suas famílias para servir de exemplo. O país era muito pequeno, não tinha exército e o povo começou a passar as maiores privações, principalmente fome, e as revoltas eram



O casamento de Jorge Miguel Miziara e Dalva Frange, no ano de 1951

saberiam quem eram pois tinham certeza que, provavelmente, jamais voltariam para lá. Realmente isso aconteceu e acredito que os poucos imigrantes e fugitivos que lá voltaram foram apenas para rever os amigos e familiares. Como já tinham constituído e criado família aqui, não tinham condição de lá permanecerem, levando no coração apenas a saudade que jamais termina.

Os primeiros que vieram, ainda estavam sob o domínio turco e por isso constava em seus passaportes a nacionalidade turca e, por pura ignorância da história, os brasileiros, até hoje, os chamam, pejorativamente, de turcos. Portanto, nem todo Miziara, no Brasil, é parente. São apenas de Miziara. A ligação do Líbano e a cidade de Miziara em particular, com o Brasil é muito grande, tanto que lá o time de sua preferência é a Seleção Brasileira e uma vitória dela, com quem quer que seja, é comemorada com muita festa. A sede da Prefeitura de Miziara é na casa onde nasceu o primeiro emigrante para o Brasil. Na entrada principal, há uma placa com os seguintes dizeres: “Nesse lugar, nessa humilde casa, nasceu Youssef Mussi, em Miziara, no ano 1855. Foi o primeiro libanês que emigrou para as terras do Brasil em 1880”. Este imigrante foi para São José do Rio Preto, onde seus descendentes ainda vivem sendo que um deles, José Miguel Mussi, casou-se com Teresa Cristina Frange Miziara, minha irmã, nascida em Uberaba (MG).

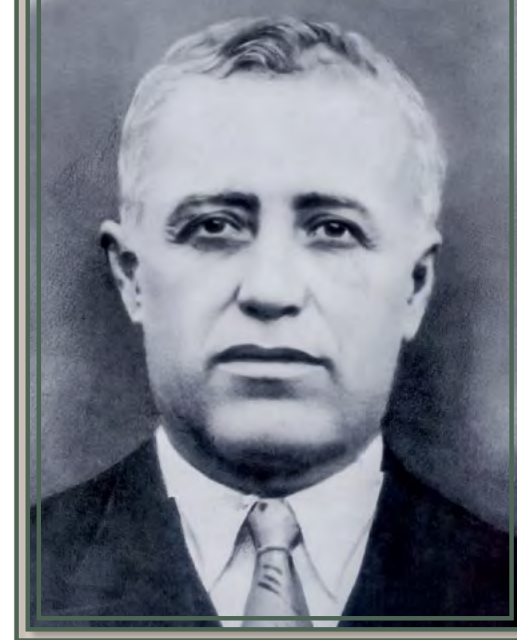
Durante essa onda migratória chegaram ao Brasil, quatro integrantes da família Mekdesse ou Mocdisse, Calil, Jorge Miguel, Miguel Jorge e Gabriel (estes, os nomes aqui adotados). O quinto irmão, Felício, não veio, mas mandou os filhos que foram criados pelos tios. Aqui chegando, se dispersaram pelo país: Calil foi inicialmente para São Paulo e, posteriormente, para Frutal (MG). Jorge Miguel foi para Uberaba (MG), Miguel Jorge, para Areias, hoje é Comendador Gomes (MG) e Gabriel, para São José do Rio Preto (SP), locais onde cada um deles constituiu um núcleo familiar que por sua vez foi se ramificando e se espalhando pelo Brasil, de norte a sul. Hoje devem ter em torno de 1500 a 2000 descendentes dos 5 imigrantes que já se espalharam para diversos países, por exemplo, Suécia, Canadá, França, Estados Unidos, etc... O sobrenome Mekdesse ou Mocdisse, praticamente desapareceu pois quase todos o suprimiram e colocaram Miziara em seu lugar. Pouquíssimos o mantiveram como

Mocdisse Miziara (em Barretos), mas, com certeza, não passará da 3ª geração.

Em junho de 1901, chegou ao Brasil, Nakul Mekdesse Yunes, filho de Jorge Miguel Miziara, aos 18 anos de idade, vindo do Líbano onde era sapateiro e professor pelo mesmo motivo de seus conterrâneos: procurar melhores condições de trabalho. Aqui chegando foi morar com o pai e mudou seu nome para Miguel Jorge Sobrinho, por quem tinha muita amizade e admiração. Aqui estabelecido e rendendo-se ao instinto comerciante, dedicou-se ao comércio da pecuária, viajando a cavalo pelo município comprando e vendendo gado. Em 1906, trouxe suas três irmãs, Uarda (Rosa), Haua e Dauha para o Brasil, após a morte de sua mãe no Líbano. Em 1910, casou-se com uma prima em primeiro grau, Santinha Calil Miziara, residente em São Paulo e filha de seu tio Calil e tiveram 12 filhos. Aliás todos eles tiveram uma grande prole. Calil, três no primeiro casamento em São Paulo e sete no segundo em Frutal, Gabriel, 10 filhos, Miguel, quatro e Felício três.

Entre os filhos de Miguel Jorge Sobrinho está meu pai, Jorge Miguel Miziara assim batizado em homenagem a seu avô que falecera poucos meses antes. Casou-se com Dalva, filha de Felício Frange e tiveram quatro filhos: Cristiano Jorge, casado com Maria Helena morando em Uberaba, Teresa Cristina casada com José Miguel Mussi, bisneto do primeiro imigrante libanês para o Brasil, morando em Fernandópolis (SP), Regina Lúcia casada com Vilmar Marçal de Oliveira, morando em Maringá (PR) e Dalva Maria casada com Eduardo Deodato de Oliveira, morando em Uberaba. Precocemente, Miguel Jorge tornou-se um excelente e honrado comerciante, ético nos negócios e em suas atitudes. Participou ativamente da vida social uberabense e foi um dos que encabeçou e bancou a luta para trazer a energia elétrica em 1905, quatro anos e meio após sua chegada, aos 23 anos de idade. Em 1924 construiu um casarão que, ainda hoje, se impõe pela beleza e tamanho, com água encanada de cisterna e esgoto, o que, na época, era um luxo para poucos. Foi um homem muito religioso e sempre solícito para com as necessidades dos pobres, procedimento seguido também por sua esposa que continuou a campanha de doação de alimentos, após a morte dele que ocorreu em 7 de janeiro de 1935.

Infelizmente não tive o prazer de conviver com ele, mas todos que o conheceram são unânimes em



Miguel Jorge Sobrinho e Santinha Calil Miziara

cada vez mais frequentes, até que chegou a vez dos habitantes de Miziara aderirem a elas. Um dia chegou a notícia que o exército otomano encaminhava-se para lá. Foi um alvoroço geral, pois sabiam que não tinham a menor chance de enfrentá-lo, ele que era um dos exércitos mais poderosos do mundo, na época.

Com certeza, o resultado seria o extermínio da maior parte de seus habitantes. Imediatamente, os rebeldes prepararam-se para a fuga, alguns levando a família, outros não. Cada um foi para o país que achou melhor sendo que grande parte veio para o Brasil.

Segundo relatos, durante a viagem o navio fez escala na Nigéria, para abastecimento, e parte dos passageiros ficou lá pensando que já tivessem chegado ao Brasil. Os outros continuaram aqui chegando e se estabelecendo. Durante os preparativos para a fuga, eles combinaram que para onde quer que fossem passariam a assinar Miziara, primeiro em homenagem à terra natal e segundo, para que quando se encontrassem, em qualquer lugar do mundo,

afirmar que Miguel Jorge Sobrinho foi um homem digno que passou seu exemplo aos filhos e netos. Além disso foi um homem que sempre dispensou atenção aos mais necessitados, que nunca pensou em guardar apenas para si todo o dinheiro que ganhou com o suor honesto, ao longo dos 34 anos que viveu no Brasil. O que se ganha com trabalho honesto é sagrado e ele sempre fez da caridade uma rotina em sua vida. Mesmo assim, deixou todos os filhos, sem exceção, bem encaminhados em suas profissões. A todos os libaneses, nossos antepassados e desbravadores do Brasil, nossas homenagens. Ninguém morre enquanto nos lembrarmos dele. ■



Calixto Cecílio

UMA JORNADA ENTRE DOIS MUNDOS

Adolescente rebelde, professor dedicado, homem de letras,
viajante romântico, comerciante acidental. A vida - e as aventuras
- do patriarca Calixto Cecílio parece saída das Mil e Uma Noites



A casa em Iraí de Minas, para onde a família se mudou ao deixar Santa Juliana, no início dos anos 1920. Dona Rafa, mulher de Calixto Cecílio, e Laila, a única mulher entre os 14 filhos do casal



“S eu nome verdadeiro era Kalil Ibrahim Cecin, mas entrou para a história de Uberaba com o nome que ganhou no Brasil: Calixto Cecílio, cuja memória ainda hoje é lembrada, respeitada e admirada na região da cidade mineira. Inicialmente, ainda na juventude, no Líbano, foi professor de literatura árabe, escritor e poeta, deixando inúmeras obras não publicadas, a pedido dele mesmo, dedicadas apenas à família e ao círculo mais íntimo de amigos. No país que adotou, desenvolveu a vocação para o comércio, que lhe deu meios de sustentar uma grande família de 14 filhos - dois no primeiro casamento e 12, no segundo - que deu origem a um verdadeiro clã, onde se destacaram médicos, professores, engenheiros, fazendeiros, comerciantes e empresários. Gente que fez a diferença e contribuiu para o progresso de uma importante e próspera região do estado de Minas Gerais.

A história de Calixto Cecílio começa na cidade de Cheikh Taba, no distrito de Akkar, norte do Líbano, onde nasceu em 23 de março, de 1881. Seus pais, Sarah e Ibrahim Cecin, eram ortodoxos e o matricularam na Escola Pública Nacional, fechada pouco tempo depois - como acontecia com frequência no país, devido a conflitos políticos e disputas de terra - e o garoto se viu em seguida enviado para uma escola católica, onde teve as primeiras noções em língua árabe, aritmética e francês. Porém, o objetivo dos padres jesuítas que dirigiam a instituição era muito mais religioso - ensino do rito católico ocidental - do que educador.

Assim, quando a escola foi fechada, Calixto era um jovem de pouca instrução, com gosto pela boa vida e tempo de sobra para passar dias perambulando pelas ruas e vielas da cidade, para preocupação do pai, Ibrahim, que acreditava na educação como um meio não só para a formação pessoal como também para o progresso financeiro na vida. Mas, se não havia escola, o melhor era o filho trabalhar na pequena marcenaria da família.

Porém, Calixto não se adaptou ao ofício do pai e disse que pretendia ser sapateiro, pois via ali um meio de um dia possuir sua própria oficina com vários empregados sob as suas ordens. Ibrahim tentou dissuadir os sonhos de poder do filho, aconselhando que ser sapateiro não gerava riqueza, apenas o básico para o sustento diário. O jovem, no entanto, estava decidido, fez um empréstimo sem autorização paterna, comprou o material que achava necessário e se lançou no negócio que, afinal, teve pouca duração, deixando-o endividado, com os conselhos do pai ecoando em sua mente. Finalmente deu-se por vencido, vendeu o



Calixto cercado de noras e sua irmã Helena. Em pé, da esq. para a dir, Norma, Marly, Ester, Helena, Margarida e Lady. Sentadas: Jasmina, Georgina, Angela e Ivary



Calixto com filhos. Em pé: José, Fuad, Nege, Saleh, Samir, Munir, Rene e Nagib. Sentados: Rauf, Romes, Naufal e Abrahão

que ainda lhe restava, liquidou as dívidas, esqueceu a tentativa fracassada e voltou para os estudos.

Aos 17 anos ingressou na Escola Russa de Miniara, no ano de 1898, um estabelecimento misto que contava com 250 alunos e onde aprendeu russo, matemática, leitura e caligrafia, sob a tutela do diretor, professor Nasser. Mesmo em um sistema de ensino que não encorajava os alunos a irem além dos livros didáticos, Calixto tomou gosto pela leitura e se interessou pela obra de Yáziqi e Ibn Malik, entre outros autores. Passou os próximos três anos lendo tudo que pôde. Ao se formar, tornou-se professor da mesma escola, nas disciplinas de Gramática, Literatura e Geografia.

Em seguida, em 1904, casou-se com Barbara Neme, apesar da oposição de Ibrahim. Dois anos depois - já pai de Iskandar e Naufal - demitiu-se do cargo, pois estava decidido a tentar a vida no Novo Mundo.

EM BUSCA DE MELHORES OPORTUNIDADES

A miragem de um eldorado de oportunidades na América da época estava marcada na mente dos intrépidos libaneses. Inclusive era algo que até o pai de Calixto já havia tentado. Em 1906, com a “avançada” idade de 50 anos, Ibrahim veio para o Brasil e, sem ter conseguido aprender a língua, sem se habituar aos

costumes ou ter conseguido um trabalho, voltou em pouco tempo para a terra natal.

Calixto estava confiante de que com ele tudo seria diferente e, em 1907, deixou esposa e filhos aos cuidados dos pais, embarcando com o primo Rachid e alguns amigos rumo aos Estados Unidos. A viagem foi uma verdadeira epopeia, com vários imprevistos, como no primeiro destino, o porto canadense de Halifax, onde foram enganados e extorquidos pelas próprias autoridades de imigração.

Finalmente Calixto chegou à casa de uma tia, Hanne, em Washington (EUA), onde foi recebido como filho, permanecendo no país por dois anos. Durante a estada conheceu várias cidades americanas e fez muitas amizades entre os membros da comunidade síria e libanesa na capital do país. Mesmo assim não quis fazer a vida na América e voltou a Cheikh Taba, onde reencontrou os filhos e recebeu a notícia que sua esposa havia falecido.

Temendo que o filho partisse mais uma vez para se estabelecer em outro país, Ibrahim sugeriu que Calixto se casasse novamente. A noiva já estava escolhida: Rafa Scaff, filha de Elias Georges Scaff, da cidade de Bano. Depois de apenas três meses de noivado, Calixto foi convidado por um amigo, Johanes Spesky, adido cultural russo, para lecionar em um colégio na cidade de sua noiva, para que ela não ficasse longe da família.

Rafa e Calixto casaram-se em 1910, mas ele logo trocou de emprego mais uma vez, agora para dirigir uma escola em Gibrail. Inquieto, o jovem não via um futuro promissor no magistério e decidiu, de uma vez por todas, partir para o Brasil, em 1912.

A bordo do vapor Paraná, chegaram ao porto de Santos sendo recebidos por uma comitiva de patrícios que lhes ofereceu almoço em um restaurante libanês. Seguiram para São Paulo onde os esperava Ibrahim Abdanur, um conterrâneo de Bano e proprietário de um hotel na rua 25 de Março.

NA TRILHA DO EMPREENDEDORISMO

Depois de dois dias em São Paulo, Calixto e Rafa embarcaram rumo a Mococa, no interior do estado, de lá para Milagres, São Benedito e Uberaba, em Minas Gerais. Em seguida foram para a aldeia de Santa Maria, onde esperavam se estabelecer, mas diante da situação do local - pouco habitado e muito atrasado - optaram pelo município de Santa Juliana.

Os primeiros tempos se revelaram nada fáceis para o casal que, depois de desistir de uma fracassada casa de comércio, passou a mascatear, montado em lombo de burro, pelas fazendas vizinhas. Para melhor se comunicar com os habitantes do novo país, além de aprender o português, Kalil Cecin precisava simplificar o

nome. Algo fácil de ser pronunciado pelos locais e, ao mesmo tempo, foneticamente semelhante ao original. Assim se tornou Calixto Cecílio.

Nessa época, por mais de uma vez, eles dormiram ao relento com os animais e, mesmo assim, não perderam a fé de que em algum momento a sorte lhes sorriria. Além de Laila, que veio com os pais, em 1914, nasceu o filho Romes, a quem seguiriam outros: José, Abrahão, Rauf, Fued, Rene, Nagib, Nege, Samir, Munir e Saleh. Segundo a antiga tradição, Calixto era um homem afortunado por ter apenas uma filha e 13 filhos.

Eles levavam uma vida de muito trabalho e sem luxos. Não se comia muita carne, plantava-se as verduras e os legumes que consumiam e o que sobrava era distribuídos entre os vizinhos. Eles preparavam o próprio pão, que era sempre acompanhado da coalhada feita com o leite tirado das vacas, e uma vez a cada dois meses matava-se um porco.

Em 1915, depois de uma viagem até Uberaba para a renovação do estoque, Calixto trocou o ofício de mascate pelo de comerciante em um ponto fixo, abrindo uma pequena loja em Santa Juliana, aproveitando a grande clientela que havia feito entre os fazendeiros locais.

A família progrediu durante os anos da Primeira Guerra Mundial, quando ficaram praticamente sem



Os filhos de Calixto, em meados dos anos 1980. Da esq., para a dir., Munir, Saleh, Samir, Nagib, Rene, Fuad, Rauf, Abrahão e José

notícias dos familiares no Líbano, envolvido no conflito. A comunicação voltou a se estabelecer em 1918, quando Calixto recebeu a notícia da morte do pai e passou a enviar dinheiro para os filhos que havia deixado aos cuidados dele. No início dos anos 1920, houve nova mudança, agora para Irai, cidade próxima, onde ele recebeu, vindos do Líbano, sua irmã Helena e o filho Naufal, em 1924.

Dois anos depois houve uma grande comemoração em família por ocasião do casamento de sua única filha, a mais velha dos 12 que teve com Rafa, a querida Laila, que aos 14 anos uniu-se a Nassim Hueb, rapaz também nascido em Cheikh Taba e já estabelecido em Uberaba. Juntos, construíram um novo, grande e expressivo ramo da já numerosa família.

Era a deixa para a família fazer sua última e definitiva mudança de cidade. Com filhos menores em idade escolar, precisando estudar, Calixto e Rafa fixaram residência em Uberaba pelo resto de seus dias.

UBERABA ABENÇOADA

Inicialmente, Calixto teve uma loja de tecidos, na rua Tristão de Castro. Depois abriu uma pequena fábrica de botinas que foi sendo ampliada junto com o desenvolvimento de Uberaba, região do Triângulo e Goiás, locais para onde fornecia os produtos. Ironicamente, o primeiro bom negócio de Calixto na nova cidade foi uma pequena fábrica de botinas. Dessa vez, parece, o velho Ibrahim, onde quer que estivesse, abençoou a empreitada do filho.

À medida que os filhos foram crescendo, passaram


a ajudar o pai na atividade. José, o mais velho, viajava para Goiás levando mercadorias e trazendo novos pedidos. Os menores ajudavam na produção e nas entregas locais.

A par de sua atividade comercial, Calixto foi sempre um membro atuante da colônia síria e libanesa, participando e promovendo ações extensivas também a toda a comunidade. Calixto foi um dos seis fundadores da então Sociedade Beneficente Sírio-Libanesa, posteriormente Clube Sírio Libanês

Os filhos dedicaram-se ao comércio, à indústria, à agropecuária e às profissões liberais (principalmente à Medicina), tendo, no entanto, diversificado e ampliado suas atividades ao longo do tempo. A terceira geração dedicou-se ainda fortemente (e com muito sucesso) ao comércio, à indústria e ao agronegócio. Os netos destacaram-se também médicos, engenheiros, advogados, dentistas e professores.

A atuação de membros da família na política e na administração pública foi igualmente marcante com filhos, netos e bisnetos de Calixto exercendo mandatos eletivos e cargos municipais e estaduais de relevo.

Calixto, com o intenso e crescente trabalho dos filhos, cessou suas atividades na indústria calçadista nos anos 50 e pôde dedicar-se ao convívio mais próximo com a família e amigos, com mais tempo para desenvolver seus talentos de escritor e pensador, mantendo um olhar sempre saudoso e carinhoso para a terra de seus antepassados. Ele faleceu em 1962, aos 81 anos. ■



CAMPANHA PRÓ NOVA SEDE DO CONSULADO GERAL DO LÍBANO EM SÃO PAULO



MUDAR PARA SERVIR MELHOR

A comunidade libanesa de São Paulo tem indicado que deveríamos ampliar as instalações atuais de nosso Consulado, localizado na Avenida Paulista, num espaço modesto e insuficiente. Hoje, temos funcionários dedicados e competentes, mas instalações pequenas. A nova sede deve refletir a importância do Líbano e dos libaneses na história do Brasil e da humanidade. Estamos procurando esse novo local, mas precisamos de sua colaboração. Os doadores terão seus nomes gravados para sempre na recepção do novo Consulado, de acordo com a categoria de doação.

BRONZE: R\$ 5.000,00 (cinco mil reais)
PRATA: R\$ 20.000,00 (vinte mil reais)
OURO: R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais)
PLATINA: R\$ 100.000,00 (cem mil reais)

**É UM MOMENTO
HISTÓRICO.
APROVEITE-O!
CONTRIBUA AGORA
COM O QUE PUDER!**

**BANCO SANTANDER,
AGÊNCIA 3409, CONTA 13010501-5,
CLIENTE CONSULADO GERAL DO LÍBANO,
CNPJ 05.034.412/0001-66**

A VERDADEIRA MINA DE OURO EM UBERABA

BRAHMAN

Formada nos EUA, é fruto do cruzamento de zebuínos advindos da Índia e do Brasil na década de 1920. Presente em mais de 70 países, a raça foi introduzida oficialmente em solos brasileiros em 1994.

O gado está atrelado à história e à economia da região. O centenário da ABCZ, é o momento de comemorar, sobretudo, um futuro promissor

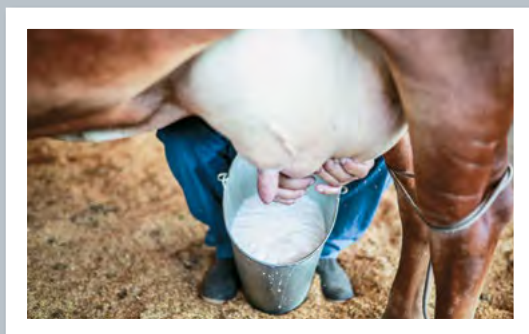


Anualmente a **ExpoZebu** recebe mais de **240 mil visitantes** participando de **leilões, exposições, palestras, cursos e debates**

A carne certa para o seu prato; queijos produzidos com leite de Zebu; diversão durante a ExpoZebu; o valor de negócios movimentados pela ExpoZebu ultrapassa os R\$ 176 milhões; ExpoZebu promove concurso de leiteiros



Sede da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), em Uberaba (MG)



FOTOS: DIVULGAÇÃO E LUIZ FELIPE SANTOS

Este ano Uberaba está em festa por um motivo muito especial. A Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ) chega aos 100 anos não só como a grande riqueza da região, mas também como a maior entidade pecuária do mundo. Fundada em 1919, em menos de 20 anos passou a realizar a Expo Zebu - que está em sua 85ª. edição - e se tornou responsável pelo Serviço de Registro Genealógico das Raças Zebuínas (Brahman, Gir, Guzerá, Indubrasil, Nelore, Nelore Mocho, Sindi, Tabapuã). Hoje mais de 600 mil animais são registrados anualmente

e a ABCZ é a maior entidade de pecuária do mundo.

Por isso, a ExpoZebu 2019 será histórica: “Temos um ano inteiro de comemorações, mas a feira, claro, será o grande marco dessa celebração. O momento de relembarmos a história e destacarmos todos avanços que a pecuária brasileira alcançou ao longo desse período”, destaca o presidente, Arnaldo Manuel de Souza Machado Borges.

Anualmente a ExpoZebu recebe mais de 240 mil visitantes que participam de leilões, exposições, palestras, cursos, debates sobre diversos temas relacionados à atividade pecuária

Para a edição comemorativa do centenário da associação, a feira conta com programações para o Museu do Zebu, ABCZ Mulher e ABCZ Jovem



Da esq., para a dir., Jairo Machado Borges Furtado, superintendente geral da ABCZ, o presidente da entidade, Arnaldo Manuel de Souza Machado Borges, os ex-presidentes José Olavo Borges Mendes e Arnaldo Rosa Prata, o criador Antônio Ronaldo Rodrigues da Cunha e o filho do primeiro presidente da Sociedade do Herd Book Zebu, Geraldino Rodrigues da Cunha

e acompanham os julgamentos de animais e concursos leiteiros. Este ano, entre 27 de abril e 5 de maio, o Parque Fernando Costa deve receber um público ainda maior. Para isso, o evento contará com uma agenda de shows com muito mais - e maiores - atrações, além de grande variedade de opções gastronômicas. No ano passado a feira registrou recorde de visitantes estrangeiros, com 36 comitivas em um total de 512 pessoas. Para a edição comemorativa do centenário da associação, a feira contará com programações para o Museu do Zebu, ABCZ Mulher e ABCZ Jovem.

Para se ter uma ideia do tamanho e da

importância da ABCZ é importante citar que ela possui mais de 22 mil associados em todo o país, sendo a primeira associação de pecuária brasileira a ser certificada pelas normas ISO 9001 e ISO 14001. Além do aspecto econômico, ela atua também no apoio à pesquisa científica, no ensino superior e inovação tecnológica - auxiliando o criador no trabalho de seleção e melhoramento genético. A expertise alcançada nesses 100 anos pela entidade rendeu uma parceria com associações de Zebu internacionais, lançada em 2017 - Bolívia, Nicarágua e Panamá já aderiram ao programa.

Confira a seguir um pouco mais sobre as raças zebuínas. ■



GIR

Raça vastamente utilizada nas principais bacias leiteiras do Brasil, como os estados de Minas Gerais, Goiás e São Paulo.



NELORE / NELORE MOCHO

Difundido por todo território nacional, é muito precoce e atende às expectativas da indústria frigorífica.



GUZERÁ

Gado milenar e o zebuino mais antigo na seleção genética brasileira. É excelente para a produção de leite e carne, tanto em climas amenos quanto em quentes e secos.



CANGAIAN

Foi formada na região de Temil-Nadu, no sul da Índia e trazida para o Brasil na década de 1960. É um zebu puro da raça de misore, que são grupos de raças indianas. A resistência da raça é algo notável.



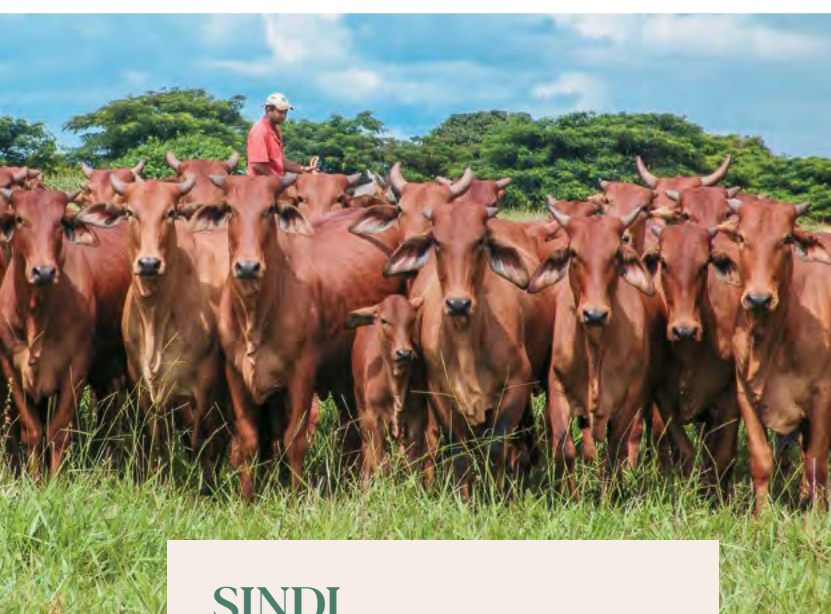
TABAPUÃ

Raça brasileira de gado de corte, fruto de cruzamento entre o Mocho Nacional e animais de origens indianas.



INDUBRASIL

Animais espalhados em diferentes regiões do país levando opção de criação de raças puras ou cruzamentos. Bem adaptados, são empregados em diferentes tipos de sistemas produtivos.



SINDI

Originário do Paquistão é o gado perfeito a região Nordeste do Brasil ou em regiões de climas similares pelo mundo.



CARMO COURI

Engenharia Ltda

Av. Álvares Cabral, 1345- 10º andar | Lourdes
Cep 30.170-001 | Belo Horizonte- MG

(31) 3299-3000

VALE A PENA BUSCAR UM LOCAL COM LOGÍSTICA MAIS ADEQUADA PARA O MEU NEGÓCIO?

EM UBERABA, VALE.

© uberabavale.com.br



Está sendo criado na região de Uberaba, um dos maiores pólos de logística, do Brasil: o **INTERVALES**.

Vale a pena conhecer!

- ✓ Vale porque são mais de **700 hectares**, para a implantação de um **Aeroporto Internacional de Cargas** e uma **Zona Empresarial**, numa região **interligada pelas maiores rodovias do país**, com **linha férrea para transbordo**.
- ✓ Vale porque a região possui **localização estratégica e privilegiada economicamente**, e é líder na produção de grãos, açúcar e álcool, e reconhecida mundialmente pela genética bovina.
- ✓ Vale porque **Uberaba** está entre as **10 melhores cidades de Minas Gerais**, no ranking de **Educação, Saúde e Saneamento**, com um **alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)**.

Seja bem-vindo!

Saiba mais em uberabavale.com.br